

Annexe 3 - Trois interviews d'écrivains angolais

Ces trois interviews d'écrivains angolais, que nous avons réalisées en 1995 à Lisbonne et transcrites dans les pages qui suivent sont destinées à contribuer à prendre la mesure des questions linguistiques pour l'Angola et notamment la question de l'utilisation et de l'usage de la langue portugaise en Angola.

Nous avons, malgré le petit nombre d'interviewés, procédé à un choix relativement varié, mais à qui il manque sans doute un écrivain de la plus jeune génération. Cependant, leurs points de vue et leurs pratiques littéraires sont assez différentes pour renforcer l'idée d'une appropriation plurielle de la langue portugaise en Angola. Il s'agit pour nous de trois personnalités représentatives : un patient conservateur de faits culturels, Óscar Ribas ; un poète et chercheur aux idées originales, Arlindo Barbeitos ; un écrivain productif inspiré de la réalité angolaise, Arnaldo Santos.

Nous avons donc puisé dans leurs réponses des citations qui ont été intégrées au texte de notre travail et qui, renvoyant à cette annexe, pourront être relues dans leur contexte.

Autant que possible, nous sommes resté prêt de la forme orale dans cette transcription, et nous devons signaler que nous n'avons pas donné à nos interlocuteurs l'occasion de relire leurs propos.

Interview d'Óscar Ribas

p. 3

Interview faite à Lisbonne le 14 août 1995

Né en 1909 à Luanda, Óscar Ribas, devenu aveugle à 36 ans, a consacré sa vie à recueillir les traditions de la société de la région de Luanda dont il s'est nourri pour son oeuvre littéraire. Il est surtout l'auteur d'un dictionnaire des régionalismes angolais. Il est mort en 2004.

Interview d'Arlindo Barbeitos

p. 19

Interview faite à Lisbonne le 21 août 1995

Arlindo Barbeitos, surtout connu comme poète, est né à Catete en 1940.

Il a également écrit des nouvelles et est l'auteur de travaux sur l'identité de l'Angola. Il a, par son parcours personnel et ses travaux de recherches, une profonde connaissance de son pays.

Interview d'Arnaldo Santos

p. 47

Interview faite à Lisbonne le 25 août 1995

Né à Luanda en 1935, Arnaldo Santos est l'auteur de poésies et de nouvelles, ainsi que de courts romans. Il écrit dans un portugais d'Angola authentique et instinctif, des textes qui s'inspirent de la réalité d'une société angolaise au sein de laquelle il a vécu activement.

Interview d'Óscar Ribas

E¹ : O senhor é capaz, só ouvindo uma pessoa, de dizer esta pessoa é de Luanda, pela maneira de falar, pelo sotaque ?

OR : Não. De Luanda, não. Não noto. Olhe, eu conheci um professor britânico que era professor de línguas, e um dia foi fazer um ano em Angola para (...) os limites das línguas e ele depois disse-me que notava, havia lá portugueses comerciantes, dominavam bem a língua, falavam bem, e ele reconhecia por muito bem que o português falasse, ele notava entre o sotaque do português e do nativo. Agora, assim dizer que o natural de Luanda, não, não posso notar, de Luanda ou doutra área de Angola, não é?

E : Então, já me disse uma coisa : por muito bem que falasse o português, falava diferentemente do nativo, é assim ?

OR : Ele era professor da escola de estudos africanos em Londres e fora fazer um estudo. Esteve lá um ano. Quando ele foi, quis conhecer-me. Tudo isso a propósito de um concurso internacional. Havia uma instituição que era, já não me lembro do nome, e então era um concurso anual, eu concorri e ganhei, fui premiado, estou a resumir. Ele depois quis conhecer-me, não é ? Bom. E no regresso, estive a conversar com ele. Ele disse então o que agora acabei de dizer. Notava entre ser um bom português a falar, ser um natural, nativo, um negro. Bom, agora, um português falado em Angola, eu assim, não. Sabe que lá em Angola muita gente já fala normalmente o português. Não, não noto diferença. Ser de Luanda, ser de... não, não noto diferença. Ora, por exemplo, já posso notar se é de Cabo Verde. O cabo-verdiano tem um sotaque especial, nota-se que é caboverdiano mesmo.

E : Tão caracterizado como o sotaque do brasileiro, o do cabo-verdiano ?

OR : Não. Olhe, o brasileiro, estava a falar do de Angola, do falar do angolano. Não, o cabo-verdiano tem outra maneira de falar, não é, não sei, diferente do sotaque angolano.

¹ Dans la transcription qui suit, nous nous désignons par E (*entrevistador*) et chaque écrivain par ses initiales : OR pour Óscar Ribas, AB pour Arlindo Barbeitos et AS pour Arnaldo Santos.

E : Sotaque angolano, ainda se pode dizer. Pode-se falar em sotaque angolano, como falou agora ?

OR : Sim, o angolano para já, não é ? Quando, bom, o povo propriamente dito, ele, as vogais são distintas. É como o brasileiro. O brasileiro apanhou muito do Angolano. O [ʒoakĩ], o povo, não é ? o homem do povo. Sim, senhor o homem do povo evidentemente não fala [ʒwøkĩ], fala doutra maneira, não é ? É só nesse aspecto. Mas diferente de Luanda ou doutra terra de Angola, não, isso não posso imaginar. Agora se for na questão da língua, isso tá bem, na língua nativa, o kimbundu. O homem a falar o kimbundu, o natural a falar o kimbundu, mais a mulher, fala duma maneira mais pausada, mais ritmada e o umbundu é musical, é muito musical, nesta questão não é ?

E : Em relação às outras línguas, por exemplo, nhaneca, cokwe, tem conhecimentos ?

OR : Não. Porque vivi também no Sul. Vivi em Benguela, cinco anos, vivi em Silva Porto, agora é o Cuíto, quatro anos. Aí estive também, embora pouco tempo, três meses, fui numa missão do Dondi que é uma missão evangélica que estava na Bela Vista. Aí estive três meses. Meu pai quis por causa da vista, dos olhos. Mas também tive muito interesse por causa do convívio daquela gente da missão, não é ? Isso em relação à língua que é, nota-se bem o modo de falar do umbundu. Não é a língua, quer dizer, é a maneira de se exprimirem. Agora, quanto ao português, não, não noto, nesse aspecto não.

E : Quanto ao português, não se pode dizer, como quando se fala do Brasil, que se criaram já uns hábitos fonéticos meramente angolanos ?

OR : Sabe que para o Brasil, foram milhares ou milhões de negros, de Angola não é ? E um povo que contribuiu muito para o falar do brasileiro, foi o povo kimbundu, por estar, conforme as etnias lá no Brasil, assim eram distribuídos, o kimbundu era mais próprio para as ocupações domésticas, e estavam mais em contacto com os patrões, daí a influência. A língua brasileira tem muitos numerosos termos angolanos, tudo por influência do escravo, e contacto do povo kimbundu como acabei de dizer.

E : Sim, sei que no Brasil, aliás lendo a literatura brasileira às vezes se encontra uma palavra como por exemplo marimbondo.

OR : Xingar...

E : Xingar, camundongo...

OR : Camundongo. Sim, sim. O povo a se exprimir, o brasileiro, também fala assim, as vogais distintas : o joaquim, não é ? A [bola], fecha as vogais, o homem do povo lá diz [bola], não diz [bɔlɔ], o homem do povo em Angola, diz a [bola] não diz a [bɔlɔ]. Fecha as vogais, quer dizer as vogais não estão verdadeiramente fechadas, são meio abertas meio fechadas, a maneira como o povo lá se exprime, é como o brasileiro.

E : E não aparece a oposição aberto-fechado, como em português de Portugal ?

OR : Não, não, é meio aberto, meio fechado, é a pronúncia.

E : Isto seria a distinção mais saliente ?

OR : Sim, sim. Do falar do português. Nota-se. Eu por exemplo, estive no Brasil. Da primeira vez, fui apresentado ao grande escritor Antenor Nascentes. Foi um tão grande dicionarista. Quando ele ouviu-me falar disse oh, (fui eu mais o irmão) : estou na presença da Universidade de Coimbra, pela maneira, eu e o Joaquim falávamos duma maneira diferente, não é ?

E : E sempre tinha vivido em Luanda, na altura, quando fez essa viagem ?

OR : O meu pai era português, não é ? Ora bem, tinha influência dele, meu pai. Mas também. Estive em Portugal. Quando vim a Portugal na primeira vez com o meu pai, tinha treze anos. Estive um ano aqui em Portugal. Quando regresssei, os meus companheiros lá da infância notaram em mim uma grande diferença já na maneira, no meu sotaque, aquela maneira própria do falar daqui de Portugal. Porque os ouvidos, sabe, enfim, apanham, não sei, tem um fenómeno, a maneira, o tom, capta, regista, e depois reproduz na nossa expressão, na nossa fala. Bom, portanto, mas claro, mesmo em Angola já tem muito natural que se exprime mesmo bem, não se nota. Mesmo homens do povo falam já regularmente o português, não é ? Embora claro, evidentemente, não se pode dizer como fala um português. Bom, tem outro... Aqui em Portugal, o Alentejano, não

pronuncia o ditongo ei. Não diz cadeira, diz cadera, e lá a nossa gente também é mesma coisa : não diz cadeira diz cadera, o homem do povo lá.

E : E depois, quanto mais culto, aproxima a sua maneira de falar do português padrão ?

Or : Sim, sim, justamente.

E : A propósito disto, encontrei há alguns dias um moço de Benguela que não conseguia dizer o seu próprio nome que é Ignácio, não conseguia dizer, dizia Iguinácio. E falava da sua etnia, dizia assim : « tinia ».

OR : Aié ?

E : Talvez seja um caso isolado, mas é estranho.

OR : Olhe, eu quando estive por exemplo na missão do Dondi que é uma missão evangélica, por acaso ali assim, os que estavam nesta missão, a minoria não falava português. Era todo umbundu. Um ou outro falava português mas todos sabiam escrever em umbundu.

E : Em que ano era ?

OR : Já vou dizer. Que eu tivesse vá lá, sei lá 25 anos, portanto 1934-35.

E : E na altura faziam-se os estudos pelo menos o princípio dos estudos em umbundu ?

OR : Os missionários tinham lá escolas só em umbundu. E eu por acaso tenho um livro que é o Quilanduquilo, e eu por acaso advogo esta maneira : aquele, o nativo, aprender a sua língua e depois é que ia para o português, para melhor compreensão.

E : Dizem que agora, em 1995, era preciso fazer assim, quer dizer passar primeiro pela língua nacional.

OR : Eu, neste meu trabalho, que é o livro Quilanduquilo, eu de facto, portanto advogo esta maneira, porque era mais fácil para ele, não é ? Porque ele na sua língua, aprender a escrever, enfim, é exprimir-se na sua própria língua não é assim, e depois já era mais fácil entrar no domínio da língua portuguesa, não é ? Bom. Mas como eu ia dizendo não eram todos que sabiam falar, eram alguns. Havia por exemplo um que era o cozinheiro do médico, ao ouvir-me falar a mim e a ao meu irmão mais novo, também se admiravam da maneira como a gente se

expressão, está a ver, mas eles falavam português. Bom, eram homens do povo, não tinham cultura, não é? Mas de qualquer maneira estavam admirados da maneira como nós nos exprimíamos.

E : Em português.

OR : Agora, o tal fulano que diz « tinha ». Este não sabia exprimir-se bem em português? Chamava-se Ignácio, não é? Antigamente, escrevia-se Ignácio. Passou a pronunciar Iguinácio. Falava mal português. Não, ele falava mal português. Não, em Luanda, raparigas, lavadeiras, exprimem-se regularmente em português.

E : Já notei isso quando vivi lá.

OR : Então, está a ver. Agora, como já estive muitos anos em Benguela. Pode ser que o modo, eles falando um português, também tenham, como disse o umbundu é musical, o umbundu, o kimbundu é pomposo, é pomposo, elas quando falam, as mulheres, não é? Ritmado. O umbundu é musical. Pode ser como disse há muitos anos, eu vivi em Benguela, fui para lá para Benguela tinha desassete anos e saí de lá com vinte e dois anos ou vinte e três, cinco anos em Benguela não é? Também estive no umbundu no Silva Porto, em Benguela a influência do português era maior, a cultura portuguesa. Afinal em Silva Porto já não mas de qualquer maneira, também falavam. Notava que era um africano a falar, mas... Agora esse falava mesmo mal, Iguinácio. Falava mal português, não é?

E : É conhecedor de kimbundu?

OR : Compreendo melhor do que falo. Falo, mas compreendo melhor do que falo. Tanto assim que as minhas pesquisas, em contos, os contos, bem os provérbios, os contos eu queria que fossem narrados em kimbundu para eu poder depois na tradução aproveitar aquela coloridade, aqueles modos próprios, narrando em português perdeu muito da beleza do conto, aquela naturalidade não é? Aqueles modos, frases típicas, perde muito. Às vezes acontece, eles quererem empregar um termo não adequado. Na própria língua, eu aproveitava tudo, tudo, eu então depois é que traduzia, traduzia para o português. Aproveita

a sua maneira própria de narrar. Havia a naturalidade, é claro. Mas onde tinha mais era nos contos, nos contos, explicar aquela beleza, aquela naturalidade.

E : Sim, e falando do kimbundu, é uma língua que ainda se fala, li algumas descrições, haverá diferenças grandes entre dialectos do kimbundu afinal e de que ordem ?

OR : Vamos cá ver. O kimbundu em Luanda está muito muito degenerado. Eles inclusivamente aportuguesaram termos de que não tinham necessidade porque qualquer povo, como sabe, naturaliza, adapta para a sua língua um termo estrangeiro, não é ? Em português temos o uísque. O termo é inglês, não é ? Há pessoas que dizem whiskey. Sanduíche também não é português. Ora, como disse o kimbundu está muito degenerado, muito, porque não tinham necessidade de aportuguesar porque tinham termos próprios mesmo. Só aquela coisa, onde se fala melhor qualquer língua mesmo nativa, é fora das grandes cidades dos grandes meios urbanos, dos meios urbanos, é mais nos meios rurais, então aí é onde está mais isenta de intrusões estranhas. De qualquer maneira as línguas nativas, as próprias, não é ? São mais puras no interior, qualquer que seja a região. Mas em Luanda, aquilo é um desastre, Luanda é um desastre. Altamente.

E : Não chega a ser um crioulo ?

OR : Não é bem crioulo, não, não é crioulo. Aportuguesaram, adaptaram o português, aquimbunduaram certos termos portugueses sem necessidade nenhuma, havendo eles termos próprios, não é ?

E : Jingeleja, dotolo²

OR : Isto está bem, foi adaptado. Não tinham estes termos. Xicola. É diferente. Ngálufu³. Mas enfim era mais para o interior, nas zonas rurais, que as línguas nativas são, ainda estão mais conservadas.

E : Para o kimbundu, qual seria a área onde podia dizer que o kimbundu é mais puro do que em outro sítio ?

OR : Olhe, não sei. Temos ali aquela zona do Golungo, para o interior, não é ?

E : E o omumbuim, de que o Padre Silva Maia fez um dicionário, é kimbundu, é umbundu ?

² Igreja, doutor.

³ Escola, garfo.

OR : O kimbundu tem vinte três dialectos. O umbundu tem também uma porção de dialectos. E sabe, há uma diferenciação entre o umbundu e a área do kimbundu.

E : O omumbuim é da área do kimbundu ?

OR : É. Aqui em Portugal, no Baixo-Alentejo e no Alto-Alentejo, aí também há diferenças. E lá é mesma coisa, não é ?

E : Mas cada um entende o dialecto do vizinho ?

OR : Ah, sim. Mais ou menos, sim, sim.

E : Talvez o mais difícil de entender seja o de Luanda ?

OR : Sempre se entende.

E : Não deixa de ser kimbundu.

OR : Não. Não deixa de ser kimbundu.

E : E do umbundu, sabe ?

OR : Já falei melhor umbundu do que kimbundu. Quando estive na missão do Dondi, como acabei de dizer, ali aquela gente não sabia português, vi-me obrigado a aprender aquela língua para poder conviver com eles. Sabia uma coisa ou outra. Completou um livrinho, uma gramática elementar. Qual era a minha convivência ali ? Era com a lavadeira, era com o enfermeiro,... Então tinha contacto com aquela gente na própria língua umbundu. Mas depois fui para Luanda. Com os meus estudos do povo kimbundu, portanto, vi-me obrigado depois então a estudar melhor o kimbundu. Por causa disto, compreendo melhor do que falo. Também falo, sim senhor, mas compreendo melhor.

E : E entre o umbundu e o kimbundu salientou diferenças fundamentais, no espírito das línguas, uma mais pausada, mais ritmada, outra mais musical, etc. Há outras diferenças fundamentais ?

OR : Há. São todas do tronco bantu, não é?

E : E aliás há muitas palavras semelhantes.

OR : Há. Muitas mesmo. Umas semelhantes, outras totalmente diferentes. É como acontece com as línguas neolatinas, também o português e o francês. Umas semelhantes, outras totalmente diferentes. Os pronomes também, olhe : eu, em kimbundu *eme*, em umbundu *ame*, e mais outras.

E : E além dessas línguas que se não me engano são as únicas línguas que são meramente angolanas, as outras ultrapassam a fronteira, o kikongo. Só angolanas essas duas, as outras são não só angolanas mas também zambianas, etc.

OR : Vou-lhe dizer: em Angola, há onze línguas principais e duas ou três secundárias. Essas principais todas pertencentes ao tronco bantu, não é? Portanto há onze línguas, portanto há onze grupos etnolinguísticos, não é? Onze etnias, não é? Agora as outras não, até são pobres ainda anteriores à invasão dos bantus. Como se chamam? Do Sul?

E : Khoi-San, Hotentotes.

OR : Essa gente. São anteriores aos bantus não é? Agora todos eles, aprendem mais ou menos. Em Benguela, tá aquela gente toda a falar português, não é? Como disse, onde não falavam português, era na tal missão do Dondi, como disse havia escolas, mas só ensinavam a língua nativa. Era o umbundu, mais nada.

E : Além do kimbundu e do umbundu, teve conhecimentos das outras línguas? Praticou?

OR : Não, não pratiquei. Não vivia. Só aprendi o umbundu porque vivi como disse quase cinco anos em Benguela, quatro no... hoje o Cuíto. Daí o meu conhecimento do umbundu, não é? Agora, este padre, o Silva Maia tem, escreveu, até o dicionário dele foi prefaciado por mim, fui eu que prefaciei.

E : É uma obra fiável? Em que uma pessoa se pode referir sem problemas?

OR : Olhe, bom, a gramática dele, vamos cá ver. Uma coisa que eu notei na gramática, inclusive até é erro, mas eu depois foi por mim próprio que eu descobri, o kimbundu, até certo ponto, é parecido com francês, o « a » e o « i », em francês « é ». Uma palavra terminada em « a » e a seguinte começada em « i », forma o som « é ». Eu vou dar um exemplo : *maka ma ilundu, maka melundu*. Agora tem um outro a mais, o « a » com « u » faz « o ».

E : Igual ao francês

OR : Ao francês. Agora, o Padre Silva Maia tem nos verbos nessa forma na pronúncia, põe o « e » ou o « o ». Eu, ainda não estava dentro desse

engrenagem, não é ? Escrevi no meu primeiro livro de provérbios, não é ? Que é o Missosso Primeiro, na primeira edição, eu grafiei assim, quer dizer, a forma pronominal, o « e » e o « o ». Mais tarde, aprofundo bastante, medito bastante, pergunto, interrogo, e cheguei então a esta conclusão, tanto que já na segunda edição, já ponho a forma correcta. É certo que foi bastante útil a gramática dele para o meu dicionário, por causa do étimo, a derivação das palavras. Todas palavras que eu pus no meu dicionário, eu procurei também o étimo, e foi-me também útil consultar o dicionário do kimbundu-português, que era o que consultava e tenho.

E : E qual é, o de Assis Júnior?

OR : Assis Júnior, e um outro ainda que é o do Cordeiro da Mata, que é anterior. Que é de mil oitocentos e noventa...

E : Qual é o mais útil?

OR : O Cordeiro da Mata embora seja, tivesse sido escrito muito, décadas antes, também tenho, eu recorri muito a este dicionário. Era, tinha termos mais preciso do que o dicionário de Assis. O dicionário de Assis é maior, também me admira, não é ? Este tem elementos que o outro não apresenta. O Assis Júnior apresenta no dicionário dele, disse o número de habitantes de localidade, a latitude da localidade, o que não tem nada a ver com o próprio vocábulo. Bom, não deixa de ter um certo interesse histórico evidentemente. Isso a propósito da gramática do Silva Maia, e até do dicionário também. Ele tem um dicionário que é português-kimbundu-kikongo. Também recorri, não deixou de ser útil embora tenha também com certeza algumas incorreções. Quanto à gramática, como disse, notei essas incorreções. E fui eu, por muito pensar, que então cheguei a esta conclusão que não era como ele que punha o « é » ou o « o ».

E : Apesar disso, são bons instrumentos para um pesquisador, de referência ?

OR : Não deixam de ter interesse. O meu dicionário é o primeiro do género. Eu depois vou-lhe mostrar, tenho aqui umas provas. Eu tenho a humildade de dizer que todos os dicionários como sabe são feitos a base de outros dicionários. Eu comecei de zero. Não há nenhum. Outro que vier, outros que vieirem, hão de

apresentar um trabalho melhor. Claro que tive um trabalho muito grande, recolhi cerca de quatro mil vocábulos.

E : Quantos anos levou a fazer ?

OR : Trinta e sete.

E : É a continuação dos elucidários, do que se encontrava no fim dos livros.

OR : É sim. Era tudo extraído do meu dicionário. Ia fazendo, estava em formação. Só aqui no lar, já o trouxe feito de Angola. Em Luanda, trabalhava sete horas diárias. Simultaneamente trabalhava em duas ou três obras. A medida que ia recolhendo elementos ia incluindo. Só aqui no lar, depois trabalhei um ano e meio, três horas diárias, cinco dias por semana, porque tem também muitas transcrições de obras, não só os vocábulos, nem o desenvolvimento em si, mas também transcrições, dois, três, quatro excertos de obras de escritores sobre Angola. Não direi bem escritores angolanos, porque houve portugueses que escreveram sobre Angola, não é, bom, então sobre essas obras, também extraí muitos elementos, e até mesmo vocábulos, também recorri à bibliografia, transcrições, não é ? Ora, portanto, outro que fizer um dicionário, já será mais fácil. Pode não concordar com o que eu escrevi, ou desenvolver mesmo. Eu comecei de zero, o Cordeiro da Mata não. Já havia. Quando escreveu já havia. Os missionários escreveram várias obras. E o kimbundu, aprendi sozinho. Aprendi sozinho. Primeiro recorria a indivíduos, àqueles dicionários. Eu tinha já quase o curso de padre. Sabe, aquilo no seminário, eram todos angolanos e entre eles conversavam enfim sobre a língua da sua terra. Havia um que me convidou até, pronto eu disse, « sim senhor eu vou lá a sua casa, às tantas estou lá », « espero por ele ». Já faleceu. Era o bom estudioso, que era o Maurício Caetano. Tem até um trabalho. Escreveu alguma coisa. Era um homem inteligente, o Maurício Caetano. Uma segunda vez : « então ? » « Eu vou lá pois. » Quando lá fui, « não vale a pena esconder-se ». Eu vi-me obrigado a puxar pela cabeça, ler muitas gramáticas. Tive que ler muitos trechos. Portanto kimbundu como umbundu, para o estudo, para eu tirar. Ia perguntando à minha mulher, conversando com ela, e foi então à minha custa, aperfeiçoando o que o padre Silva Maia enfim apresenta erradamente, não é ?

E : Que título vai usar para o dicionário?

OR : Dicionário dos regionalismos angolanos.

E : É uma coisa importante, volumosa, então ?

OR : Sim.

E : Quem é que vai editar?

OR : Uma editora de Matosinhos. É. Isso aqui é sobre a letra A. Ora, outro dia, foi a semana passada, um senhor lá da gráfica telefonou-me a dizer que ia dar outra disposição em relação à derivação porque eu pus a derivação no fim de cada vocábulo, e depois pus « alusão a isto ». Ora bem. E ele então diz que vai pôr derivação no princípio, como o dicionário de Morais, eu não conhece o dicionário de Morais. Eu não tenho, tenho vários dicionários, tenho o Cândido de Figueiredo, que é no fim. Não discordo com essa maneira. Bom, não faz diferença nenhuma. Que seja, ponham logo a seguir o vocábulo.

E : Poderá se comprar o dicionário quando ?

OR : Lá para Novembro. A gráfica, está aí o nome da gráfica.

E : Contemporânea Editora Limitada. E isto é uma carta de Luandino Vieira, não é ?

OR : Ele está em Vila Nova de Cerveira. Está a escrever um romance lá. E então, sou eu que tenho revistado a minha obra, quer dizer superintendo, não é ? Era os meus irmãos quando eram vivos em Luanda. Aqui era com os meus sobrinhos. Mas eu presente, presente para ver, acompanhando sempre, portanto, a revisão é feita por mim a perguntar como está, como não está, bom. Agora não tenho possibilidade absolutamente nenhuma de assistir à revisão. Eu pedi a Luandino Vieira e ele então, enfim ? Ele está a rever o meu trabalho.

E : É um grande trabalho.

OR : Para mim, isso é um grande orgulho, o meu maior orgulho é o meu dicionário, tá a ver. Uma vida, não é.

E : Mas vai sair.

OR : Finalmente.

E : Esses vocábulos, do dicionário, alguns, são de uso corrente e outros com certeza muito menos.

OR : Não, são todos de uso corrente. Também queria dizer uma coisa. Eu criei como todo dicionarista, numerosos termos também, mas dentro do próprio vocábulo, numerosos vocábulos.

E : Que são usados ou poderiam ser ?

OR : Os existentes, alguém os criou. E eu, dentro dos existentes, criei outros.

E : Por exemplo, acubatar existe ?

OR : Olha ! Acubatar. Fui eu que criei.

E : E correspondia a uma necessidade ?

OR : Aquimbunduamento. Aquimbunduar. Note-se. Olhe, eu, a princípio, tinha aquimbundamento. Foi o ano passado salvo error que é que me ocorreu que era incorrecto aquimbundamento assim. Vou explicar porquê. Vinha dar assim um som um pouco... aquimbundamento, mbunda, mbunda é o rabo, não é ? Aquimbundamento, mbunda, não. Digo não. Pensei, fica mais correcto, melhor aquimbunduamento. Só nesse aspecto, não é ? e mais alguns. É claro que fui sempre acrescentando numerosos vocábulos porque o dicionário, mesmo depois de ser entregue a Luandino Vieira, e com a demora foram surgindo outros vocábulos, outros termos. (...) O ano passado, mandaram umas questões, uma série de perguntas. Não tenho ajudante. Eu tenho uma amiga minha que trabalha no Alcoitão. Ela vinha, ela lia as perguntas e eu respondia, e então, muitas respostas eram dadas através do meu dicionário, podia dar respostas mas no meu dicionário, já eram respostas estudadas, e outro desenvolvimento, e então tive ocasião de notar uma, duas aliás, dos adjuvantes que me roubaram textos. Uma roubou-me textos do meu dicionário. E foi a ano passado. O « sal de pau », que é o salgema, fui ver não estava. Eu reconstitui alguns. Detectei treze. Se me roubou mais não sei. Dois ou três verbetes, vocábulos, ficaram com uma definição, só, paupérrima, porque eu punha a aplicação. A minha mulher, aqui quando era viva, ajudava-me. Já não tinha ninguém a quem recorrer. Veja lá a inconsciência duma rapariga com dezoito anos, no décimo primeiro ano. Era em oitenta e três, os verbetes estavam soltos. Havia verbetes com uma definição, estava tudo solto em blocos ainda em preparação. Ia tirando. Havia um até, um que era sobre o mabeco. Passa isso. Veja aí o mabeco. Não está. Vá lá

folheando. Não está. Estava aí. Não fiz barulho com ela. Nada bem natural ir para outro bloco. E não fiz. Depois disso é que desembarcou outra rapariga e que dei por falta disso, dos vocábulos todos. E foi então o ano passado que dei pela falta do salgema, que é o sal de pau.

E : E não conseguiu recuperar ?

OR : Não recuperei, ficaram pobres não é ? O sal de pau ficou só salgema, mais nada. Já não tinha quem me explicasse a aplicação, como é que lá o povo aplica lá a salgema. Eu conheço o salgema, eles chamam sal de pau, são filamentos grandes, rijos ; isso é o sal de pau. O leitor é que ficou... A outra rapariga, tive outra, foi a última, roubou-me treze folhas do *Quilanduquilo*, já folhas preparadas, porque quando reedito uma obra, eu dactilografo-a de novo. Acrescentamentos. Até a própria pontuação, também alterei a minha pontuação e aí além de todo isso, no tempo colonial era o homem quimbundo, a mulher quimbunda, hoje esses termos são uniformes : o homem kimbundu; a mulher kimbundu. Estou a corrigir isso, não é ? Mas e então estou também a documentar, a dizer... eu no livro de Missosso primeiro, os contos populares, eu digo o narrador, o nome, a idade aproximada e o local de nascimento, isso com uma sugestão do tal professor britânico. Foi ele que sugeriu para pôr essas indicações, nos provérbios já não pus, já não dá, os provérbios estão na boca de toda gente, já não dá. Tenho por exemplo canções, tenho cancionero, aí só digo a data e a localidade, mas não indico quem é o narrador. Bom, mais ou menos. Bom agora, a última reedição que é do *Quilanduquilo*, já enfim, ela estava a dictar do original anterior, e eu depois vinha com alterações, porque agora estou a escrever os nomes próprios angolanos, antigamente grafava-os à portuguesa, o *Quimalauezo*, hoje não, o angolano é escrito em sónica, com *kapas*, *Kimalawezu*, é já nessa escrita, os nomes próprios, agora na minha obra é assim que estou a escrevê-los.

A minha obra toda é muito trabalho, não é? Toda ela, não é ? Tive muitas informantes, tive informantes que eram desinteressadas, que eram familiares, que eram as sogras dos irmãos...

JPC: Contratava na família?

OR : Não contratava. Recorria a elas, não é ? Eu quando não sabia uma coisa, ia perguntando a essas pessoas, não é ? A minha mulher e a uma amiga da minha mulher. Agora recorria a outras informantes a quem eu pagava. Bom. A essas minhas informantes, eu dava prenda, oferecia um livro, uma lembrança e às outras não, pagava, não é? É claro que tive a colaboração dos meus dois irmãos, deram-me uma grande ajuda, muita mesmo na recolha, acompanhamento, revisão. Tive momentos de alegria e momentos de muito aborrecimento. Também tive por exemplo um indivíduo que se fez meu amigo, era professor de liceu, era português, foi uma canalha, vim tempos depois a saber que era um informador da Pide, veja lá, um informador da Pide na minha casa.

E : Qual era o seu pretexto?

OR : Sabe que a Pide tinha muitos informadores, não é ? E um escritor denominado tinha que ser vigiado.

E : Era perigoso ?

OR : Era. O pior quando publiquei o livro Missosso II, eu dediquei a quatro pessoas, quatro personalidades. Eu pus nomes por ordem alfabética que assim mesmo enfim temos as nossas preferências, mas nunca devemos salientar publicamente, eu tive o bom senso de pôr os nomes por ordem alfabética portanto calhou, e ele ficou em segundo lugar. E foi por isso que o homem que era mau, e então escreveu um artigo tremendo, onde ele vinha como amigo branco, e rácico. Eu vi-me doido com ele. Mas está bem, ele é que ficou mal e eu que fiquei bem. Ele acabou por ser expulso. Era um patife. Foi um dos piores momentos que eu tive na minha vida. Olhe o que eu passei, quando ele escreveu o artigo, espalhou-se logo, sabe que a PIDE foi o terror, toda a gente fugia de mim, tá a ver ?

E : Sempre teve apoios, teve pessoas que confiavam em si e que o garantiam contra esses ataques.

OR : Sim. O governo português acabou por me conceder a ordem do Infante, pronto.

Quanto ao meu dicionário, queria acrescentar uma coisa creio que nenhum dicionário apresenta. É um apêndice onde eu apresento as palavras, vá lá, em famílias, não em famílias quanto à definição, mas agora vou exemplificar para melhor compreensão. Por exemplo iguarias, indico as iguarias que figuram no meu dicionário. Bebidas, indico as bebidas que estão aí, e por aí fora. Plantas, eu então desdobro isto em plantas oleoginosas, plantas medicinais, plantas industriais e por aí fora. Porque é que eu fiz isso? Como disse, o meu dicionário está recheado de transcrições de várias obras. Um estudioso diz vamos cá ver o que o Óscar Ribas traz sobre isso, e vai ao apêndice e aí depois vê, e vai vir então aos vocábulos que lhe interessam mais.

E : Este apêndice é interessante porque talvez faça surgir centros de interesses onde há muitas palavras e outros onde há poucas. E quer dizer que o contacto com a língua portuguesa necessitou preencher vazios mais importantes em certos domínios e menos importantes em outros. Falou em culinária e plantas, isto talvez sejam classes cheias de palavras.

OR : São os termos angolanos. Vamos cá ver. Iguarias : temos o pirão, temos o funge, quitande, kifufutila, são os termos regionais, não é ?

E : E são numerosos ?

OR : São. E de animais, há muitos ?

OR : Tem muitos animais. O apêndice é muito desenvolvido. E então recorri também a umas plantas. Tive o cuidado de situar a bibliografia, nas plantas é o livro que é de John Gossweiler, *Nomes indígenas de plantas angolanas*. Eu extraí os caracteres mais importantes da planta, os mais salientes, não é ? De mais interesse para o leitor, o nome científico também saiu do livro dele. Também arranjei livros sobre peixes, pedia, forneceram-me, os nomes científicos de alguns peixes. Tenho tudo quanto possível para nomes científicos. Temos o pongo, a matona, nomes angolanos.

E : Cacusso ?

OR : É. Cacusso é angolano.

E : Há bocado, li a palavra cacussada.

OR : É. Uma cacussada é o cacusso acompanhado. Cacusso preparado com esmero e fartura. Tem tudo isso, cacusso, cacussada. Como disse criou-se numerosos termos dentro dos vocábulos existentes. Assim como também termos populares, a pronúncia popular de termos portugueses. Deus dizem Deju. Lá pus os termos populares pronunciados, quer dizer, pus os termos portugueses já deturpados. Deus, Deju, por aí fora. Também tem tudo isso.

E : Cuêsa em vez de coisa ?

OR : Isso !

E : No livro *Uanga*, já transcrevia a fala do povo.

OR : Eu tenho, eu gosto muito, há casos onde emprego mesmo a fala do povo, mas às vezes para não se tornar assim fastidioso, ponho também a fala umas vezes no discurso semi-directo, outras no discurso indirecto. É claro, tudo isso resulta também de muita pesquisa e muita meditação, perguntar, saber. Trabalhou-se. Quanto ao dicionário, eu acho que vai ser útil. Bom, vamos a ver.

(...)

OR : O português do Norte troca o b por v, *binho*. O que aconteceu lá no Sul ? O v trocou por b : *bitacaia*, é pulga penetrante, nos dedos dos pés. *Ovitakaia*, portanto eliminou-se o “o” e o “v” fechou em b. *Bicuatás*, que são coisas, móveis, é *ovikuata* e por aí fora. O português deturpou muitos termos angolanos, transformando nasais que deixam de ser nasais. A *calema* é a excitação do mar. Em kimbundu é *kalembe*, *calema* é mais fácil.

Interview d'Arlando Barbeitos

E : Gostava de saber o que pensa da maneira angolana de falar português.

AB⁴ : Isso depende duma série de factores que vão desde a região até o estrato social da pessoa que fala. Como não existe ainda uma forma que oficialmente seja reconhecida como português de Angola, como também não existe ainda uma estabilização do português falado em Angola na medida em que os acontecimentos políticos são tão incisivos, transformam de tal modo a realidade angolana que obviamente a língua reflecte todos esses acontecimentos. Por outro lado há outro aspecto muito importante que torna precárias todas estas informações que é a enorme ignorância de si próprio que nos caracteriza, nós angolanos. E isto é reflexo duma determinada forma de colonização. Nomeadamente a colonização durante o período de Salazar que não só contribuiu para um processo já mais antigo de destruição das camadas angolanas aculturadas de longa data, já desde o século XVII sobretudo, XVI mesmo mas principalmente XVII, em certas zonas de Angola, não só do litoral. Aquilo que se chama antiga burguesia angolana ou seja uma camada originariamente de Luanda e Benguela, mas que depois se foi espalhando pelo país lentamente para além das próprias zonas de soberania portuguesa, e vivendo alianças e contradição por vezes com aristocracias tradicionais. Este processo é desconhecido dos Angolanos. Têm uma vaga ideia. A destruição, repito, das camadas portadoras desta Angola, destruição que não é destruição física, embora em alguns casos tenha sido, é uma destruição política, económica e social. E para além disso, a hostilidade do governo de Salazar em relação às ciências sociais faz com que os próprios portugueses se ignorem a si. As ciências sociais nomeadamente a história, em Portugal durante o período salazarista, aquela que merecia título científico era anti, era contra, por conseguinte marginalizada. Assim se para a própria metrópole havia um enorme desconhecimento, um constante recalcar duma realidade, na colónia pior ainda e isto, esta ignorância de si toca obviamente também o português. As pessoas com quem se contacta,

⁴ Arlando Barbeitos

por vezes até pessoas de algum conhecimento, não sabem como apareceu o português em Angola, como se desenvolveu porque não há quase estudos nenhuns, e há uma atitude demasiado marcada e não é só em relação à língua ou às línguas, demasiado marcada pela contingência pessoal de cada um. Há esta ausência de perspectiva histórica ou seja em relação ao passado e, nesse sentido a maior parte daquilo que se diz é, ou disparate, ou muito limitado. Eu já vou mostrar o que eu pretendo com isso. O português de Angola veio do Brasil porque até meados do século passado, há zonas de colonização directa que não excediam talvez mais de cento cinquenta mil quilómetros quadrados, ou seja aproximadamente um décimo de Angola toda.

E : Vi o mapa do René Pélissier.

AB : Só que, nem Pélissier, nem os historiadores em que ele se fundou, não viram as coisas em termos dinâmicos. Se dum lado, a propaganda ridícula, absolutamente abominável do período de Salazar, criando mito da presença portuguesa como se ela não tivesse evoluído e tivesse sido durante quinhentos anos aquilo que ela foi durante apenas oitenta ou noventa ou seja estendida a todo o território do país, e da mesma maneira, quer dizer esta projecção do presente para o passado que caracteriza certas formas de pensar. É claro que esta concepção mítica da história que tentava legitimar o regime colonial em muitos aspectos brutal, era tão odiosa que levava com frequência historiadores como por exemplo James Duffy ou Davidson e outros sem fazer pesquisa in loco, que até agora muito poucos a fizeram, e o Pélissier por exemplo fez uma pesquisa impressionante de arquivo que é essencialmente um historiador clássico e quando ele sai fora da história diz quase sempre asneira.

E : Mas foi lá e fez inquéritos.

AB : Não, estou dizendo, como historiador tradicional é impressionante o trabalho que ele fez em termos de estudo arquivístico, agora em termos de antropologia, em termos de sociologia, em termos de entendimento de sociedade, é uma desgraça, mas ele, Pélissier está numa certa tradição, ele está numa continuidade doutros.

E : E Boxer?

AB : Boxer é diferente, Boxer será talvez aquele que viu com maior profundidade certas coisas.

E : Dá a impressão de ter lido tudo.

AB : É impressionante o que ele sabe mas ele tem uma perspicácia para certos problemas sociais e políticos que outros não tiveram. E isto lhe dá uma força que Davidson por exemplo, nos primeiros livros em que ele se referiu a Angola, ele confundiu uma posição anticolonial perfeitamente correcta no meu entender, com ciência que é outro assunto. É muito difícil de facto ter um conhecimento objectivo. Mas quando há uma posição de militância seja ela de esquerda ou de direita, não importa, esse conhecimento objectivo se torna mais difícil ainda, sendo sempre difícil, sendo sempre em meu entender e digo isto muito modestamente, é muito difícil chegar a um encadeamento de factos que obedeçam ao encadeamento da realidade, tão próximo quanto possível, isto é um problema banal de ciência, mas é um problema sempre actual e no que toca Angola, este problema é particularmente dramático porque in loco houve muito pouca pesquisa. Exactamente disto, o que estou a dizer agora.

E : Em todos os domínios.

AB : Quase todos.

E : Sobre as línguas nacionais, há.

AB : Mas é uma coisa menor e de má qualidade, quase sempre de má qualidade, e, então como dizia estas relações que se estabeleceram entre camadas provenientes do litoral frequentemente mestiços mas que com o tempo foram virando negro, embora em algumas famílias, muito poucas, viraram branco. Estas relações que são interessantíssimas, de aculturação recíproca, o que uma pessoa vê nas zonas de velha colonização e não só, isto nunca foi pesquisado. Isto é o coração de Angola.

E : *Luanda, Ilha Crioula*, de Mário António, alude a este fenómeno.

AB : É o primeiro. Em certos aspectos é de todos o mais inteligente, em muitos aspectos mesmo. Infelizmente, ele ficou muito amargurado. Era um personagem muito difícil, muito amargado, é minha opinião pessoal, é subjectiva, quando ele viu a tremenda mediocridade do nosso movimento nacionalista. Ali ele entendeu

a fragilidade dos homens, reflexo duma certa forma de colonização, nomeadamente a de Salazar, ou a da República, mais correctamente. Para além disso, o facto de ele estar estabelecido aqui e ter sido induzido, também deixou fazer. Há uma certa colaboração com o regime que no fundo lhe não agradava. Fez com que em meu entender as contradições da personalidade dele ainda se tornassem mais dramáticas, mas foi um dos poucos que entendeu Angola como processo de acção e reacção onde de um lado há África, uma África bantu, doutro lado há Portugal, mesmo que quando Portugal apareça até meados do século passado com o Brasil, e isto condiciona fortemente este português que refletia todo o mundo de colonização portuguesa que ia da Índia ou Macau até Moçambique, Angola, Brasil, mesmo que esse mundo não fosse necessariamente um mundo de fixação portuguesa para além do Brasil que é maciça, fosse maciça, o que não era necessariamente o caso de Moçambique. De certa maneira entretanto a própria Índia onde obviamente o português já tinha sido fortemente absorvido, mas neste processo se desenvolveu um português tropical, isto é uma hipótese minha, se terá desenvolvido um português tropical com influências asiáticas, indianas nomeadamente, o que mostra palavras como *jangada*, como *canja* e outras, comportamentos até, e depois teve as suas contribuições africanas variadas e finalmente as contribuições ameríndias e aquelas que são de adaptação do português ao Brasil e do africano ao Brasil. Tudo isto se materializou até certo ponto em Angola no litoral e em alguns lugares do interior até porque durante bastante tempo houve um comércio bastante importante que se fazia com a Índia, comércio de tecidos, quando a partir de 1648, o Salvador Correia, neto do fundador do Rio de Janeiro retoma Luanda aos Holandeses, não é Angola, é Luanda e um pouco a minha região que é o arrière-pays de Luanda, entre Catete e Dondo, nasci em Catete mas vivi entre Catete e Dondo e a minha família é daí, uma família de origem antiga, e então precisamente uma parte da minha família que está incluída nestes processos antigos e eu sabia de memória, de ouvir falar as histórias que contavam, como era muito antigamente, e então este comércio com a Índia levou por exemplo a instalação de alguns comerciantes indianos de Goa a Angola que se miscigenaram imediatamente,

mas esta influência que não se limita ao número de homens quando as estatísticas dizem que entre 1650 e 1900 não terá havido em Angola senão um número variando entre 4 000 e 10 000 brancos, é de facto pequeno, mas as pessoas esquecem que estes brancos se inserem em círculos e agem através doutros, as pessoas não vêem a dinâmica das relações, e não vêem também que a questão não é numérica. A questão é dos poderes que estas pessoas têm ou não têm e da dinâmica. Os Estados Unidos quando se tornaram independentes não tinham sequer cinco milhões de pessoas mas aquilo que era a matriz fundamental dos Estados Unidos já existia, e de certa maneira, até certo ponto, isto aconteceu também a Angola, e quando Angola teve ou tinha 5 000 brancos constantes em Angola, sempre presentes, a maior parte de África não tinha nada disso, só o Cabo, posteriormente, mas o que é interessante é que entretanto havia uma camada de angolanos que tinha todas as cores, que tinha nascido, que se tinha desenvolvido, e se espalhando graças ao comércio de escravos por todo ou por muitas regiões do país e esta camada para mim é muito mais interessante.

E : Então será esse comércio dos pombeiros, aviados...

AB : Sim, todos esses que foram desenvolvendo um português como disse proveniente do Brasil e a gente pode ver isso por palavras que até aos anos 30, 40, e parcialmente ainda existe nas pessoas mais velhas, como o próprio Óscar Ribas que é um homem malgrado ele próprio e todos os preconceitos dele, de imenso valor histórico, só que ele não o sabe de certa maneira, felizmente, e que está marcado por muitas coisas desde a sua cegueira até ao facto de ter sido utilizado pelo sistema mas pronto compreendo perfeitamente, não lhe condeno isso, embora seja até certo ponto triste mas isso é outra coisa.

E : É humilde. Até me disse que a sua obra tinham imperfeições, que era uma contribuição, que qualquer pessoa podia fazer o que queria, pegar nela e fazer o que quer.

AB : Por isso prefiro a outros, porque ele pelo menos é honesto. E então, neste processo se envolveram formas de português, de um português tropical que foi tomando um feição angolana, quando por exemplo a aristocracia kimbundu toma o português e utilizam e o escrevem, e isto é os ambaquistas, os chamados

ambaquistas. Eu encontrei na sexta-feira um texto que copiei em grande parte escrito num jornal angolano em 1883 por um oficial que presumo que é mulato ou preto de Pungo-Andongo, em que eu vejo o português da minha infância e da minha região, um português, que, até certo ponto como o do Brasil, este português tropical, que confunde as formas de tratamento como eu fazia também quando era criança, o tu e o você, começa com você acaba em tu, embora de uma maneira um pouco diferente do Brasil, mas a razão desta confusão é a sociedade colonial e todas as suas ambiguidades, só que ele começa até com vós e termina com tu, e para além disso uma série de formas de utilização dos pronomes, a anteposição e não a post-posição e a confusão entre o « o » e o « *lhe* », « *eu lhe vi* », não « *eu o vi* » ou « *vi-o* ».

E : Isso podia ser uma tendência crioulezante que não chegou a crioulo ? E que existiu também no Brasil.

AB : Sim. Existe, por outro lado o português arcaico era assim também. As pessoas esquecem e não sabem com frequência que o próprio português português quando começou a colonização não estava completamente estabilizado, as pessoas esquecem ou não sabem que quando começou a expansão no século 15 ou 16, uma parte da população portuguesa ainda falava o português ou o galego mais correctamente apenas há 200 anos. Eram mouros entre aspas, eram árabes ou berberes, e era uma parte muito importante da população, basta ver o fâcies das pessoas, só que isto é recalcado, e a própria expansão, a fuga por exemplo de milhares de pessoas do campo para a cidade para ir depois para as colónias tem a ver em meu entender, isto é hipótese, embora haja, presumo, um historiador português que tenha tocado este aspecto, Borges Macedo salvo erro, a fuga se deve parcialmente ao facto de serem populações de origem oriental, norte africano, mouro, que apenas tinham 200 anos de cativo na terra, havendo ainda situações de conflito que se manifestariam muito naturalmente na própria língua, isto sem esquecer que uma grande parte senão a maior parte da burguesia era judia. Aliás estes judeus enquanto cristãos novos desempenhavam um papel importantíssimo na colonização portuguesa, nomeadamente no Brasil e em Angola também,

provavelmente o Salvador Correia era um cristão novo, é o mais provável, e nós sabemos da História de Angola dos séculos XVII e XVIII, dos conflitos entre governadores cristãos novos com frequência, o Boxer fala disso. Eu não quero exagerar estes problemas nem quero exagerar a importância dos séculos XVII e XIX, só que como a maior parte das pessoas não sabe isso e não fala, eu saliento este aspecto porque ele marcou formas de um português que foi falado por muitas pessoas em Angola, por esta velha burguesia que era bilingue e por uma parte das aristocracias tradicionais. A aristocracia dos Bakongo que depois perdeu esse português e africanizou as palavras e hoje aparecem como palavras de kikongo, mais de 1000 palavras.

E : Willy Bal estudou isso.

AB : Exactamente, Willy Bal fala sobre isso, nem mais. Não é o único mas ele foi um dos primeiros que trabalhou sobre esse assunto. E podia haver na aristocracia kimbundu no século XVIII, muitas pessoas falando um português bastante correcto, não crioulo, só que tendencialmente arcaico, e esta anteposição dos pronomes pode ser uma pré-crioulização, como muitas pessoas dizem, mas pode ser também, para além disso, uma forma dum português mais antigo.

E : A confusão entre a e em (« Eu vou na escola ») é arcaica também. E pode ser crioualizada também.

AB : Nem mais. Quando uma pessoa estuda as formas de diferenciação das línguas românicas aqui na Península Ibérica, vê formas que se assemelham às formas ditas crioulizantes, no mundo de utilização da África, da Ásia, da América, por conseguinte me parece que há aí conclusões um pouco apressadas. Agora, voltando ao século XIX, quando começa a nova colonização portuguesa, a partir do fim do século passado, conferência de Berlim e tudo isso, haja uma camada de Angolanos portadores de língua portuguesa, e duma cultura mista, duma cultura que podemos chamar crioula se quiser sem nenhuma incidência racial.

E : É o caso de Cordeiro da Mata, portanto.

AB : Por exemplo, que é um homem da minha terra, era um homem preto. Eu conheci pessoas da família dele que tinham todas as cores, já. Porque entretanto nesta camada de população, não existia tanto, como dizer, um preconceito racial. A dicotomia era entre civilizados e gentios. Os civilizados tinham todas as cores. Esta sociedade que assentava no comércio de escravos, na escravatura, até certo ponto foi a mais tolerante que Angola jamais conheceu. Eu conheci restos desta sociedade na minha região em pessoas de família. E eu acho que estes processos são insuficientemente estudados, são em parte conhecidos, mas são umas das razões da importância da língua portuguesa em Angola. E eu não digo isso nem para bem nem para mal, não é que eu seja particularmente orgulhoso disso nem particularmente envergonhado. É histórico. De forma nenhuma poderei defender um lusotropicalismo embora ache que o Gilberto Freire seja um homem de grande conhecimento. Contudo, ele parece não ter consciência precisa do preço imenso e terrível que foi a destruição da população indígena do Brasil, o sacrifício terrível dos africanos, não, no fundo é eurocêntrico como é toda a América, ainda hoje é eurocêntrica. E em certo sentido profundo, que tenham trezentos anos de América ou não, repare, agora mudando um pouco de assunto, eu me sinto angolano e africano, não necessariamente porque venho duma família mestiça onde tem todas as cores, não, é por uma questão de respeito do processo histórico, necessariamente é violento, é terrível e por tentar entender uma situação histórica em função de todo. Eu estive na guerrilha um ano, 1971-72, quando cheguei no Moxico, eu fui recebido pelas pessoas da minha terra, e então, uma das pessoas que me recebeu era um homem da minha idade que olhou para mim e me disse : você é mesmo o seu pai, tem a cara dele, e depois me disse isso em kimbundu e ele me perguntou « não me conhece ? ». Disse não. Então ele me disse : eu sou o filho do Paulo. Paulo era o motorista do meu pai. Era uma situação estranha, o filho do senhor, e o filho do servo. Não era bem servo mas enfim, por metáfora, e ele entendeu perfeitamente. Ele pegou numa cabaça com cachipembe, é uma bebida alcóolica do Leste, e disse agora vamos beber pela revolução, mas quem bebe primeiro agora sou eu. Eu entendi perfeitamente que o mundo tinha virado ao contrário. Os Boers levaram muito

tempo para entender isso, só agora o Apartheid pelo menos em termos de lei acabou. Os Americanos até hoje não entenderam desde o Canadá até à Argentina. O mundo nunca se virou ao contrário, nem no México, nem na Bolívia, nem no Peru, ou seja os países onde mais provavelmente o mundo seria virado ao contrário. Agora eu não quero dizer com isso que a posição correcta é unicamente aquela do Índio ou do negro, não, não, eu quero dizer que é necessário um compromisso e um respeito das várias posições. Está entendendo ? Onde eu quero chegar. É isto que geralmente não ocorre. E quando nós em Angola falamos sobre nosso país, nós refletimos uma ignorância imposta pelo colonialismo, por isso dei tanta importância nesta nossa conversa àquilo que no meu entender foi a criação, a matriz da angolanidade, inserido num contexto de processo, processo doloroso quase sempre, de acção e reacção entre portugueses e africanos, e é só nesse sentido que se forma Angola. Um angolano que só fala cokwe é um angolano potencial, porque o Angolano é aquele que sofre a influência dos dois elementos. Aquilo que nos separa da Zâmbia onde há um substrato muito próximo de Angola, ainda mais próximo que com o Zaire ou com o Kongo, é a colonização. Nós fomos colonizados pelos portugueses, eles foram colonizados pelos ingleses e as colonizações foram diferentes também no tempo. Agora, voltando ao português, com a destruição destas camadas angolanas, destruição política sobretudo, destas camadas portadoras duma cultura mista crioula, sejam eles os comerciantes, sejam eles até alguns aristocratas como na zona kimbundu, Ndalatando, Ambaca, etc., ou seja Kwanza Norte, ou até mesmo Malanje, ou mesmo Kwanza Sul ou Benguela, ou entreposto do interior como Bié, Caconda, bastante antigo, e ainda ontem estive a falar com um amigo meu que é umbundu e é do Bié, um avô dele tinha o cabelo todo liso, e era preto de cara, e provinha da minha região, quer dizer provinha, de há muito tempo, os seus antepassados, e a destruição destas redes, a substituição do comércio africano, escravo e não só por um comércio português e a instalação de milhares de colonos no princípio deste século, embora alguns tenham vindo já no século passado. Contudo, eles que vieram no século passado ou no princípio deste século mesmo tiveram que se africanizar porque

encontraram um substrato suficientemente forte para os absorver, na sequência duma velha tradição, mesmo quando eles não se miscigenavam já ou se misceginavam menos que no passado. Este processo foi parcialmente interrompido, com a república quando por exemplo o governador Norton de Matos envia para Portugal centenas de portugueses cafrealizados que apenas repetiam o processo antiquíssimo em Angola, aculturação ao contrário, quando Salazar na sequência de Norton de Matos e Vicente Ferreira retiram os alvaras, as licenças dos comerciantes, destas velhas famílias, dos representantes destas velhas famílias, eles destroem uma base, destroem também o bilinguismo que ainda eu conheci, kimbundu-português. Destroem uma capacidade de entendimento de Angola, depois colocam colonos que vão lentamente destruindo esses equilíbrios. Então o português vai-se alterando. Luanda deixa de ser bilingue, Benguela deixou de ser bilingue, por volta dos anos vinte, trinta. Benguela foi, mas muito mais Luanda. E então há uma europeização do português de Angola, depois há a instalação dum racismo violento sobretudo durante o período de Salazar, e cínico.

E : Nos anos 40?

AB : Trinta, quarenta. Cinquenta. Cinquenta foi o máximo dos horrores.

E : Vinham de Portugal pessoas com preconceitos ferozes.

AB : É claro é a única coisa que eles tinham. Eu quando cheguei em Luanda em 1985. Eu saí de Angola em 1958 para vir para aqui para estudar, fiquei aqui até sessenta e oito depois fugi porque pertencia ao MPLA antigamente, e então quando eu vim para aqui eu fiquei chocado com a enorme ignorância das colónias e depois com uma atitude grotesca do Império e uma realidade que não condizia e acompanhando isso, repito, a enorme ignorância que continua, e isso me chocou tanto quer dizer havia um ódio tremendo contra Portugal, profundo, só mais tarde é que eu entendi que eram também os meus problemas de identidade que levavam esse ódio, essa aversão profunda contra essa terra e contra tudo o que pertencia a esta terra. É claro, não é ? Era uma reação infantil de certa maneira, de adolescente mas quando eu cheguei a Angola em 1985 e vi que o interior das casas tinha europeizado. No meu tempo ninguém tinha alcatifa

em casa, havia ainda certos hábitos antigos, duma sociedade tropical que se encontraria em todo o mundo colonial mas que são modos de compromisso entre dominador e dominado, não sei se me está a entender, que se manifestavam em tanta coisa, desde a água, como havia água em casa e tudo isso é substituído por formas absolutamente diferentes. No meu tempo, as casas eram frescas porque eram casa baixas com grandes muros, grandes paredes.

E : Passou-se o mesmo no interior de Portugal ou em cada país com a chegada de certo modernismo, quero dizer que na aldeia, no interior de Portugal, vieram também essas marcas do modernismo, não eram um compromisso entre Europa e África, eram simplesmente entre a cidade e o campo ou então sair do tempo antigo onde as coisas estavam a funcionar muito bem mas já não podiam com o mundo moderno.

AB : Sem dúvida, mas não deixavam de ser uma recusa de África. Quando se põe ar condicionado em tudo o que é lugar e não se mantém uma arquitectura que estava adaptada ao clima, quando se mobilam as casas e os interiores como se estivesse aqui em Portugal, então há realmente um corte, e este corte se realiza ou começa a se realizar depois da segunda guerra mundial, mas sobretudo a partir dos anos cinquenta.

E : Aconteceu-me ouvir dizer nos anos setenta que Angola não era África.

AB : Ora no meu tempo, quando lá estava, mesmo os brancos de lá partiam do princípio que aquilo era África e havia uma rivalidade muito grande entre os brancos de lá e daqui. Havia conflitos que recordavam os conflitos que existiam entre os americanos e os Europeus. Eram exactamente os mesmos. Estavam na mesma tradição. Só que com a guerrilha em 61 e com certas formas como disse de exploração, racismo e violência, que antes não eram fáceis, não eram possíveis em Angola, porque havia sempre uma reacção angolana e o poder português era muito frágil. A partir do princípio deste século e da destruição destas classes angolanas capazes de oferecer resistência, destruição ou diminuição, então começam se desenvolvendo formas que acabam dominando nesta recusa de África. Sobretudo nos anos cinquenta e depois sessenta quando há a guerrilha, quando começa a guerra de libertação, e isto tem os mais variados

reflexos que vão desde aquele angolano que antes falava à maneira angolana e eu até hoje eu oiço certos falares, eu distingo imediatamente que é um Angolano, imediatamente, no rádio por exemplo, quando ouvia a emissora estrangeira nos anos sessenta, setenta, pelo falante eu distinguia se era angolano, se era português, se era brasileiro. Quando cheguei em Angola em 75 já não distinguia, já não sabia quem era angolano, quem não era, porque houve uma europeização também no falar de angolanos, angolanos negros, angolanos mestiços, angolanos brancos, da pequena burguesia urbana.

E : Isso independentemente do lugar em que viviam?

AB : Não tão independentemente do lugar em que viviam porque por exemplo no Huambo estes processos de miscigenação cultural, racial, etc., não tiveram o peso que tiveram em Luanda e em Benguela. A minha mulher é do Huambo, é branca, ela pertence a uma das famílias fundadoras da cidade e o português dela é europeu, sempre foi assim. O meu não é, nem do meu pai que era branco. Era um português europeu, porque ele era um homem muito africanizado, culturalmente não tinha diferença nenhuma entre ele e mestiços ou entre ele e negros muito aculturados da velha burguesia, ao passo que no Huambo não, desde o clima, o modo de vida que recorda muito Portugal, permitia até formas de alimentação. Tinham queijos, tinham enchidos, coisas que eu não conhecia na minha terra, que era muito tropical e o próprio meio ambiente ajudava mais a uma certa africanização, enquanto no Planalto isso não era tanto assim sobretudo no Huambo, Nova Lisboa.

E : Esse nome de Nova Lisboa também puxava para europeização.

AB : Era a intenção. Nem mais. Então aí, as formas que se estabelecem são mais formas de adaptação a outro espaço, a outro tempo histórico e não são formas de compromisso cultural de uns e outros. No Lubango é um bocado mais complexo que a colonização é muito mais antiga e não só também porque os Madeirenses, muitos se africanizaram fortemente. Em Moçâmedes é muito particular. Estes portugueses que vieram do Brasil em 1848 recriaram formas brasileiras mas trouxeram um racismo violentíssimo. Eu leio, tenho lido jornais de Moçâmedes do século passado, de 1880, 1890, e constato formas que em Luanda naquele

tempo eram inconcebíveis, mas enfim o que eu quero dizer com isso é que não havia, apesar de ser a mesma colônia, não havia uma homogeneidade e quando vejo aqui os jornais portugueses falar do regresso a Portugal de trezentos a quatrocentos mil brancos de Angola como se fosse uma população homogênea, eu constato de novo a tremenda ignorância desta gente que é reflectida depois pelos próprios angolanos, o que é mais grave. Porque primeiro, repito, não há homogeneidade, tanto entre esses brancos podem vir pessoas, são poucas mas existem, que são descendentes de velhas famílias que viraram brancos com o tempo como na América Latina, e que quase não têm nenhuma relação já com Portugal a não ser aquela estrutura que o brasileiro também tem, até outros que acabaram de chegar passando por aqueles que têm uma relação com Angola relativamente profunda e que levou a modificações do modo de pensar, estar, falar, tudo. O que não aconteceu com aqueles que chegaram muito recentemente, o que é a maioria, chegaram entre 1940, 50 e 1965, 70, que é outra gente. Uma das razões que levou esta população branca que era a mais numerosas de África a ser politicamente completamente obtusa, quer dizer ignorante e refletir formas desconhecidas desde os boers, os anglo-sul-africanos, os zimbabwanos brancos, os rodesianos, os namibianos, os pieds-noirs argelinos, esta população não reagiu, porque entre outras coisas não era homogênea. Havia nela formas de criouliização, em alguns. Segundo, tinha um nível cultural muito baixo, em grande parte não em todos, e terceiro, ela apenas por receio e medo face aos movimentos de libertação e por incapacidade dos movimentos de libertação, de entender pela sua fragilidade, a complexidade da formação de um país e aí a intolerância ou ignorância da África e da Europa e da América daquele tempo e continua, fez com que esta gente não tivesse expressão em termos políticos. Eu não estou a defender ou a atacar, eles poderiam reagir como rodesianos como podiam reagir doutra maneira como houve em Angola já e houve aliás. Há um nacionalismo branco em Angola antigo, africano, de simbiose e tudo isto é possível e tudo isto se reflete repito na língua portuguesa. Quando homens como Luandino que inicialmente é português até, escrevem da maneira como escrevem, ou reinventam, eles no fundo, reatam, retomam uma tradição. Entre os

jornalistas de Angola do século passado, há alguns, portugueses, que se angolanizam e começam a defender uma Angola, uma Angola ainda abstrata que não sabe onde acaba.

E : Por exemplo : nomes ?

AB : Por exemplo Alfredo Mântua, Urbano de Castro, homens do século XIX, Alfredo Troni, o mais conhecido, Pompeu Pompílio do Carpo, que não é bem jornalista mas pronto.

E : É poeta ?

AB : Não é poeta não, é comerciante. Estes homens, pois se inserem numa sociedade onde há todas as cores e que absorve e estão, repito, numa tradição de brancos que casam com mulheres da terra, filhas da terra, podem ser pretas, podem ser mulatas, não importa, mas que têm também um fundo cultural africano muito forte e português ao mesmo tempo e então optam por aquela terra, homens repito como Luandino, Ruy Duarte de Carvalho, estão nesta tradição. E Luandino recria. Esta tradição existiu. É quebrada parcialmente, mas nunca totalmente. Bem, voltando ainda ao português, esta europeização da colonização maciça moderna não foi total porque houve apesar de tudo seja nos movimentos nacionalistas, seja em núcleo de população do interior, formas conscientes ou inconscientes de resistência ou apenas de manutenção do que havia antes. Agora com a extensão de educação no período entre 1964 e 1974, dez anos, quando Caetano entende que a única maneira de salvar a colónia, o regime colonial português, é de melhorar a situação da população negra, da maioria da população, então o português se estende para outras zonas onde ele apenas estava reduzido a pequeníssimas minorias e isto é um português português mas que é apreendido à maneira angolana.

E : Há um contacto novo. Os angolanos têm de praticar de repente um português novo que não passa na boca deles.

AB : É. Para além disso há outro aspecto que é continuamente esquecido, que é a guerrilha. Eu quando cheguei no Moxico em 71, eu não conhecia o Moxico, não conhecia a Angola oriental, pude constatar que o MPLA, como a Unita, mas menos na altura, foi um tremendo difusor da língua portuguesa no Leste

angolano. Havia centenas, milhares de crianças, muitos órfãos de proveniências variadas e a língua que eles aprendiam era o português, um português que não era crioulo.

E : Nas escolas do movimento, então ?

AB : Sim, e eu próprio dei aulas algumas nessas escolas.

E : Pepetela também fez isso ?

AB : Também fez isso e muitos outros fizeram. E então era um português angolano, nitidamente distinguível do do Brasil, do de Cabo Verde, do de Portugal e é um português que se mantém no interior e não só, muitas dessas pessoas ficaram no interior mas outras foram para cidades, por exemplo Luso, Luena, Saurimo. E aí de facto uma grande parte da população, a maior parte mesmo, não conhecia o português e foi aprendendo com essa gente. Para além disso, no exército, era absolutamente necessário na medida em que os guerrilheiros eram de origens diversas, impor uma língua. Agora os corpos oficiais eram formado essencialmente por pessoas de língua portuguesa mesmo quando havia uma pequena minoria de oficiais provenientes do Zaire, ou seja os Angolanos que antigamente chamavam congolanos, hoje são os zaiotas. Em que a situação é muito diferente. A Unita inicialmente tinha o português e o umbundu, mas quando a UNITA é forçada depois da independência a se tornar um verdadeiro partido nacional, independentemente de opiniões políticas, não importa neste momento, a UNITA é obrigada ela também a recorrer ao português e a Unita se transforma também num factor de expansão da língua portuguesa. Entretanto, a existência de grandes exércitos, em termos relativos, nomeadamente o exército do governo, faz com que o exército, após a independência, seja, naquilo que é uma tradição antiquíssima (nós não estaríamos falando português aqui se o exército romano não tivesse vindo para aqui e isto aconteceu com muitos outros exércitos, os exércitos árabes, os exércitos turcos, e tantos mais ao longo da história) e então o exército angolano relativamente numeroso, cerca de duzentos mil homens durante muito tempo, este exército levou a expansão do português, um português muito africano, mas português, não crioulo, de língua portuguesa entre os jovens mancebos de

variadíssimas regiões de Angola. Eu dei aulas durante algum tempo no exército, no início em 76, na polícia, e havia gente de toda a parte e havia uma compreensão da língua portuguesa bastante boa, e as pessoas falavam português, é claro um português nitidamente africano.

E : Quer dizer que lusitanizou-se mais depois da independência.

AB : En certo sentido, embora Portugal tenha contribuído para isso. Repare, primeiro, há pressupostos ainda no tempo colonial, e eu me refiro a última fase da colonização obviamente, esta extensão das escolas à toda a parte como resposta aos movimentos de libertação, a industrialização, há também a deslocação de milhares de trabalhadores e tinha esquecido este aspecto mas ele é extremamente importante, que contribuiu para a atomização da sociedade angolana, para destruição de estruturas tradicionais, o envio para as fazendas de café de milhares e milhares de trabalhadores levou esta gente a se afastar de matrizes tradicionais e a contactar como forma de modernidade a língua portuguesa que se torna portadora desta modernidade, e isto atingiu a vasta maioria da população angolana e todos estes factores acrescentando aos exércitos outro aspecto que é com frequência esquecido, tudo isso contribuiu para uma mudança social profunda, independentemente de processo de degradação económica ou social e política como depois ocorreram mais tarde com a independência e a guerra civil, mas tudo isso tem como consequência uma expansão única em África dum língua europeia, o português. Agora, e era isso que queria salientar de início, esta expansão, ao contrário de Moçambique assenta num substrato muito antigo.

E : Apesar da experiência ser única é muito menos estudada do que a de Moçambique, há aqui especialistas do português de Moçambique quando do português de Angola não há.

AB : O poder brasileiro entendeu melhor que este. Eu conheci vários embaixadores brasileiros em Angola. Eles ficavam muito surpreendidos quando chegavam em Angola. Para já encontravam um português muito próximo do deles. E as ideias de formação dum língua brasileira, em parte, em alguns pelo menos, a ignorância sobre África no Brasil é espantosa, ainda é pior do que aqui,

mas está na mesma tradição histórica, em meu entender. E então eles ficavam admirados quando encontravam um modo de falar muito próximo do deles e até estruturalmente muito semelhante, e depois aqueles que conheciam África e que eram muito poucos, porque há um recalcamento daquilo que é africano, o que é africano vira folclore no Brasil mas enfim, o facto de não só em Luanda, o português ser a língua popular por excelência, e isto não ocorre só em Luanda. Isto ocorre em Benguela, isto ocorre no Lubango, isto ocorre em muitos centros urbanos. Agora a guerra civil fez uma outra coisa, fez a ida para a cidade duma quantidade enorme de população rural que se criouliza rapidamente. O resultado disso é que o português em Angola ao contrário talvez de Moçambique, é a língua mais importante. É mais importante que qualquer língua africana, isto graças a momentos históricos terríveis, graças também à incompetência do governo que criou o Instituto Nacional de Língua que não foi necessariamente um meio para estudar as línguas africanas como teria sido necessário, para estudar as formas de difusão das línguas africanas, pessoalmente defendo o bilinguismo embora saiba que é muito precário, mas defendo, acho que o Angolano deveria conhecer o português e uma língua africana.

E : Notei. Entre as pessoas que entrevistei, de Luanda, não há uma que seja capaz de falar kimbundu, nem que sejam três frases seguidas. Sabem umas palavras espalhadas, mais nada. Todos dizem que o português é a língua deles, mas que lamentam não conhecer uma língua africana, nomeadamente o kimbundu, lamentam, todos lamentam, não há quem diga « não me interessa ». Quer dizer que o bilinguismo tem possibilidades de renascer ?

AB : Não acredito muito. Não porque isso exigiria outros meios, exigiria uma determinação, e eu acredito que as elites angolanas que têm o poder actualmente não têm competência nem no fundo interesse por restabelecer isso. Ou dirão como forma de retórica, mais nada, porque parece mal dizer que não sabe uma língua africana nem sequer saber. Mas a prática é essa. É então um pouco diferente mas na UNITA com a direcção actual, com Savimbi dirigindo a Unita e há o elemento protestante muito importante no Savimbi, no pessoal em torno dele e na sua família, não há a capacidade intelectual porque se tivesse já estava

no poder há muito tempo. Não a tem infelizmente para Angola, mas pronto isso é outra coisa. Podiam ser uma alternativa e não são. São apenas a outra face da moeda, da mesma moeda. Esta guerra que nós temos em Angola é uma guerra colonial, é a continuação da guerra colonial porque seja o MPLA, seja a UNITA, embora distintas nas suas origens iniciais hoje não fazem senão repetir uma matriz que é salazarista, de violência, que era a violência sofrida por eles próprios que eles não souberam absorver. Refiro à liderança da UNITA e do MPLA, é totalmente indiferente. Eles são apenas uma alternativa um para o outro mas não são nem um nem outro uma alternativa para Angola. Como eles aparecem hoje, é claro que a importância que qualquer desses partidos tem, qualquer deles é potencialmente capaz de desenvolver noutro sentido. E espero que isso ocorra, não sei. Mas enfim, voltando, na UNITA podia haver maior seriedade em relação ao bilinguismo em Angola, mas eu não estou a ver que a Unita seja capaz nos próximos tempos de tomar a liderança de Angola, acho que apesar de tudo, as pessoas próximas do MPLA ou do MPLA têm mais potencial, até intelectual que a Unita e por conseguinte me parece que mais provável é a criouliização de UNITA que a unitização do pessoal do MPLA. Tá vendo onde quero chegar. Ainda porque através da rádio, através da televisão, a criouliização de Angola se acelera cada vez mais e é a matriz de Luanda que desgraçadamente, eu digo desgraçadamente porque Luanda hoje é uma cidade destruída, uma cidade estragada que se vai impondo a todo o país, é uma cidade que tem gente a mais.

E : Mas há uma situação em que há um equilíbrio talvez ?

AB : Não sei, francamente não sei. Sei que é tudo muito difícil, há uma destruição do aparelho do estado que quase não existe praticamente, isto significa que a escola não funciona, o liceu não funciona, a universidade não funciona. Há por conseguinte um abdicção. É claro que isto é provisório. Eu vi em 1975-76 como o estado se criou mas esse estado podia ainda contar com projectos. Agora, numa população tão traumatizada, mesmo que ela tenha uma enorme resistência como os angolanos apesar de tudo têm, é mais difícil. E isso exigiria para funcionar minimamente uma estabilidade económica e social que

vai levar tempo a se realizar. Agora voltando à língua me parece que as línguas africanas estão muito ameaçadas em Angola especialmente pelo português. Não é como em Moçambique, me parece, de maneira um pouco superficial, que o português tem algumas dificuldades a se impor, corre riscos de uma criouliização, em Angola não. Em Angola, o que me parece é que a angolanização do português de Angola vai andando cada vez mais rápido porque há um grande vigor linguístico em Angola em termos de língua portuguesa popular, as pessoas criam palavras com uma rapidez impressionante.

E : Notei na comunidade angolana aqui uma energia para criar palavras de calão até próprias daqui da comunidade e até disseram-me algumas. Não sei se conhece. Vamos tentar a experiência.

AB : Sim, sim.

E : A palavra guimbiano, por exemplo ?

AB : Não, não conheço.

E : Agora é assim que se diz luandense.

AB : Ah guimbiano ? Isso é novo.

E : Mbila, para camisa ?

AB : Mbinza é palavra em kimbundu para camisa.

E : Paia ? Para vender.

AB : Também não conheço.

E : Manga. Pessoa importante.

AB : Ah, bom. Também não conhece.

E : Malaika ?

AB : Malaika conheço. É pessoa que não presta.

E : Kanuka ?

AB : Kanuka é criança. É do cokwe, kanuka iove, quer dizer criança.

E : E salu. Trabalho.

AB : Ah, não conheço.

E : Bitola ? Cerveja.

AB : Essa palavra já ouvi. Eu saí de Luanda há um ano e meio. Mas repare essa gíria que está a mostrar, em Luanda, já tinha reparado que dei aulas de vários

níveis, e então desenvolvem-se gírias limitadas. Por exemplo soldados, têm a sua gíria. Depois os alunos liceais, os malandros entre aspas, esse processo de formação de gírias localizadas é impressionante em Luanda. A gíria portuguesa neste momento, o calão lisboeta bué, buéréré, são formas angolanas, garina, etc. Já entraram aqui.

E : Bazar é conhecido em Portugal há muito tempo, não sei se é angolano.

AB : É angolano, bazar. Vamos bazar daqui, vamos embora. Através da droga, da liamba, a própria palavra liamba. Eles não usam a palavra moçambicana suruma, usam a palavra angolana liamba. E é interessante, não é a palavra diamba que também se diz noutras zonas de Angola para além do kimbundu. Então, através da droga, através enfim duma semi-delinquência e através dos grupos angolanos entre si e dos lugares onde os angolanos se encontram aqui, os lugares onde se dança, então há uma permeabilidade, há uma troca, um intercâmbio de formas de gíria mas o que me parece interessante, é de facto, enquanto os angolanos têm uma tremenda capacidade de criação de palavras que faz com que eu por exemplo por vezes tenha dificuldade em entender os meus alunos, quando ensinava na universidade, os mais jovens sobretudo, embora tentasse seguir. Quer dizer inventavam palavras. Aí chamar de guimbiano para luandense é interessante. Na minha terra, há uma lagoa que se chama Ngimbe. E guimbiano pode vir de ngimbe, não sei. Mas há uma gíria muito circunstancial. Pode-se impor, pode-se não impor.

E : Eu verifiquei que muitos desconheciam. Queria falar do seu bilinguismo. Já que foi bilingue, quer dizer que já não é ?

AB : Sim. Eu como disse nasci nesta região, no hinterland de Luanda, Catete mais concretamente na pequenina senzala de Catete, e os jovens, as crianças que havia, com quem eu brincava eram crianças simultaneamente de língua portuguesa, eram habitualmente os filhos mestiços, de comerciantes brancos que viviam com mulheres negras ou mestiças, e então estas crianças tinham um conhecimento passivo ou activo da língua kimbundu relativamente bom. Agora, a língua que a gente falava era habitualmente português. No entanto como nós não nos limitávamos a estas crianças, melhor estas crianças mestiças filhas de

comerciantes brancos não ficavam só consigo. Havia também os parentes negros destas crianças. Dou um exemplo muito próximo : o irmão do meu pai vivia com uma mulher negra, é casado com uma mulher negra que é a Baixana, Baixana quer dizer Sebastiana, mulher de língua kimbundu, então os meus primos directos, e a nossa relação era como de irmão, a gente aliás dizia primo como irmão, estes meus primos direitos falantes do kimbundu, falantes também do português mas que dominavam melhor o kimbundu que o português, então com frequência o diálogo começava em português e acabava em kimbundu. Inicialmente misturava as duas línguas. *Enda ku kuata sanji, lenguluka*. Vai agarrar a galinha, depressa. Aqui falei em kimbundu, um kimbundu que não será necessariamente puro, mas é kimbundu. Mais coisa que se acrescentava em português : anda rápido mesmo, mas podia também acontecer, e durante muitos anos aconteceu, que confundia *ele* e *ela* porque em kimbundu é só *muene*. Dizia *ele* par *ele* e para *ela*.

E : Assim se faz em crioulo.

AB : E aqui é sem dúvida uma tendência para a crioulição mas que não se realizava por completo. Entretanto noutros contactos que havia na sanzala, existia a tendência até por curiosidade de falar o kimbundu, e então falava o kimbundu e aprendi a falar um kimbundu que não era muito bom, mas era suficiente para conversar à vontade com qualquer pessoa de língua kimbundu. E portanto como o meu pai me mandou para Luanda com nove anos de idade para a escola porque na nossa terra geralmente não funcionava, as professoras portuguesas não ficavam porque o clima era muito desagradável para os europeus, era muito quente, não era o clima de planalto, de montanha, não, era quente, era muito tropical e o modo de vida era muito pouco europeu, então as professorinhas portuguesas que vinham lá à nossa escola fugiam, iam para Luanda. Bem, e como já não se podia ter professores africanos como antes havia, alguns dos filhos desses comerciantes foram para Luanda ou iam para Luanda. Contudo ainda frequentei durante alguns tempos essa escola e os colegas meus eram normalmente para além destes mestiços, eram negros da velha burguesia. Embora houvesse também dois ou três mestiços da velha

burguesia, de famílias que ficaram ainda mestiças, embora a tendência como eu já disse é virar negro com o tempo, e então quando fui para Luanda parecia muito mal uma pessoa da minha cor falar kimbundu. Para além do que o meu português era muito africano e então as professoras primárias continuamente corrigiam o português, eu dizia « me lavo », eu lhe vi, que são formas do meu falar infantil, não só infantil ainda às vezes eu esqueço. E falo assim. E então no liceu foi pior ainda. No liceu havia uma constante imposição para falar à maneira portuguesa, só que os alunos do liceu na medida em que havia a nível desses alunos independente um forte antiportuguesismo, o português era chamado besugo, é um peixe muito feio, é um nome muito depreciativo. E os nossos colegas nascidos em Portugal que estavam lá no liceu, eram discriminados, nem que fossem muito discriminados mas a gente gozava deles e chamavam-lhes besugo, porco sujo, nomes assim feios contra eles, e então esses professores eram até certo ponto recusados. Isto aliás se muda, com sessenta e um isto se altera e a geração que vem após a minha alteram o modo português no liceu. Nós mantínhamos um português angolano de propósito. Mas não deixamos de ser influenciados obviamente sem querer, e eu fui esquecendo o kimbundu, e quando voltava para a minha terra, como era perto, todas as semanas praticamente, voltava, eu não gostava de Luanda, ainda porque era muito discriminado em Luanda porque as pessoas de Luanda não gostam das pessoas de Catete. Havia um desprezo de Luanda em relação às pessoas do mato. E então eu não gostava de Luanda, só gostei de Luanda aqui em Lisboa quando vim para aqui em cinquenta e oito, cinquenta e nove. Antes odiava Luanda, um horror. Tinha era saudade do mato, dos animais, das caças, das caçadas, e tinha medo do mar. O mar não, virava as costas para o mar. E me faltava a vivência no interior. Bem havia também outro aspecto que só posteriormente eu descobri. Na minha terra eu era alguém, todas as pessoas conheciam-me, era um garoto respeitado, em Luanda não, era simplesmente um miúdo do mato bastardo portanto isso era muito desagradável e então, como disse, o kimbundu foi então recalcado. Quando vim para aqui, na Europa, já esse kimbundu tinha sofrido bastante para eu poder conservá-lo. Quando voltei em 75, embora ainda

entendesse, e ainda entendo, ainda sei falar mal, bastante mal, às vezes falava com as kitadeiras, sobretudo quando elas me queriam enganar, eu lhes xingava em kimbundu, então elas riam, e porque a maior parte das kitadeiras jovens não sabem como uma pessoa de minha cor podia falar kimbundu. As velhas ainda sabem porque ainda se recordam outra Angola que desapareceu. Então, as velhas não ficavam surpreendidas, as novas ficavam, mas então eu às vezes recebia o peixe ou os legumes mais barato porque falava em kimbundu com elas, mas eram poucas frases. Só que tinha vergonha de cometer erros, e pronto o meu kimbundu foi desaparecendo. Agora lamento muito isso. Não lamento isso por uma questão de patriotismo africano. Não, não é isso, não tem nada a ver. É por uma questão de perda de identidade, por uma questão de perda de qualquer coisa de si próprio, porque eu lembro perfeitamente quando falava com os camponeses da minha terra, quando lhes falava em kimbundu, a situação era diferente, a reação era muito diferente. Aliás uma vez em 1977, pouco antes da tentativa de golpe de estado de Nito Alves, eu fui acompanhar um jornalista alemão à minha terra, Catete. Eu estudei na Alemanha, na Alemanha federal, e esse jornalista tinha sido o meu colega na universidade de Frankfurt. Bem, a gente quando chegou em Bom Jesus, Bom Jesus é uma vilinha, próximo de Catete, num lugar com muitos imbondeiros, tinha uma velha camponesa que mandou parar o nosso jipe, o motorista parou, ele era homem da segurança, um jovem com os seus vinte e cinco anos, vinte e sete anos, e depois tinha o alemão. Ela mandou parar e perguntou à gente se a gente queria comprar batata doce, mandioca e jimboa, conhece jimboa ?

E : Conheço.

AS : Bem, ela perguntou em português primeiro e depois começou a falar em kimbundu com o jovem, só que o jovem respondia em português. Ele entendia tudo, e eu também entendia, só que ele não sabia que eu entendia e então o jovem, quando ela lhe pergunta se eu também queria comprar batata doce e jimboa e mandioca, ele responde em português « ele não come isso ». E eu então comecei a falar em kimbundu com a mulher, e ela me perguntou « Onde é a tua terra ? ». *Eme mona bata*, eu sou daqui. E então ela me perguntou o nome da

minha família. Eu disse. Toda gente conhecia. E então ela me ofereceu tudo. O outro pagou, não paguei nada. É claro que há aqui uma certa tensão. Ela se recordou dum outro tempo, era uma mulher velha. E daquelas relações contraditórias que sempre existem aparentemente feudais. É claro que não era feudalismo nenhum. Mas a relação entre os comerciantes brancos antigos e a população negra era uma relação patriarcal, simultaneamente rude, de exploração, e não direi terna porque não era, mas patriarcal que incluía uma certa ternura, uma certa amizade.

E : E com um código.

AS : Obviamente. Por exemplo, quando a irmã mais velha, a minha, casou, o meu pai atirou dinheiro pela janela fora, como se fosse um senhor medieval e ele não era nada disso. E então, não há aqui necessariamente a recusa em termos raciais, como os líderes africanos actuais, que são brancos de pele preta a esse nível porque a África tradicional não tinha conceito de raça. Os Portugueses também não tinham. Isso, se há por vezes uma interpenetração tão profunda em Angola, é porque a distância cultural e social entre colonizador e colonizado não é tão grande ou não era tão grande como nas colónias ingleses ou franceses ou belgas ou como os portugueses posteriormente tantaram fazer mas havia classes intermediárias. Havia, pelo menos nas zonas de colonização antiga, na minha família havia todas as cores de Angola, todas, todas, tudo, portanto havia uma certa solidariedade familiar mesmo se existiam também no seio da família contradições coloniais que existiam. Por conseguinte havia simultaneamente formas de intolerância e tolerância que permitiam convivência, coisa que nem sempre ocorreu noutras zonas de Angola ou em certa camadas, estas ligadas a um outro tempo, tempo que permitiam formas muito mais ricas e formas, repito, de interpenetração. Este jovem que vinha comigo, motorista, conhecia outra Angola brutalmente europeizada e onde, em Luanda, esse tipo de relações já era marginal. Lá onde nasci, não eram marginais, eram as relações que havia, por isso ele estranhou que eu tivesse falado em kimbundu, e eu depois a seguir lhe expliquei como era uma Angola que ele não conhecia, e ele ficou assim extremamente inseguro em relação a mim, porque é óbvio, como juvenzito de

vinte e cinco, vinte e seis anos, que andou na universidade em Luanda, eu era um branco qualquer, enquanto eu não sou branco, sou mestiço. Para além disso, é-me indiferente, não quero ser reduzido à minha biologia, mas isso, eu estou em condições de fazer isso. No passado não. E ele já não sabia porque na Angola actual, está de certa maneira, não completamente, voltando ao passado ou seja as categorias são até certo ponto em função de posições sociais ou de formas aproximadas, já se não distingue com aquela precisão do meu tempo. O homem, o rapazito conheceu a europeização brutal dos anos cinquenta, sessenta, setenta, até, e conheceu também aquela quase recriação do passado dos anos 75-77-78-79, do pós-independência que o MPLA inconscientemente, como ele é portador, e isto é outra diferença entre o MPLA e a Unita, o MPLA é portador sem saber ou parcialmente sabendo da velha colonização e a Unita da nova colonização e a FNLA também, e então até certo ponto esses conflitos entre o MPLA, a Unita e a FNLA são conflitos de concepção de Angola diferente. E não tanto de dito tribalismo mesmo quando ele aparece por incompetência dos líderes, é o caso notório da FNLA, o Holden é um homem que não conhece Angola e nunca entendeu Angola, e uma grande parte da gente da FNLA, e o Savimbi, bem, é um homem que conhece melhor Angola necessariamente mas que representa daquela destruição terrível da velha aristocracia umbundu e de formas intermediárias que também existiram no Planalto, nomeadamente no Bié e imposição dum colonialismo branco maciço que é o comum de toda a África mas nunca se impôs totalmente até por vezes mesmo no próprio Planalto que ainda existia a memória de outro tempo, e sobretudo estas alianças entre crioulos do litoral e chefes tradicionais do interior, que às vezes incluíam os próprios brancos também portugueses que amigavam com mulheres locais como Silva Porto. A história de Silva Porto está muito mal contada. É uma mentira pegada aquilo que se diz em relação à morte dele. Ele vivia como dezenas e dezenas de brancos no Planalto aliados com chefes tradicionais, independentemente da vontade deles de querer impor ou não impor o poder colonial português, a situação real não lhes permitia. Obrigava formas de colaboração que o meu pai conheceu e falava, e brancos pagavam impostos nos chefes tradicionais e chefes

tradicionais que protegiam estes brancos porque lhes convinha por razões económicas, e tudo isso é destruído. E o Savimbi é o homem que tem o trauma da destruição disso. Para além disso é um homem que aspira a posições da velha aristocracia umbundu que é católica e eu o desprezo como pessoa plebeia de origem e que reclama poderes tradicionais mas enfim desculpe ir a estas coisas...

E : Tudo é interessante. Os problemas linguísticos se relacionam com todos os problemas. Para acabar, se quiser voltar ao assunto do sotaque angolano, se tivesse de o definir, já a partir da sua própria experiência pessoal ou da maneira de falar dos outros, há diferenças, mas há constantes e a constante seria, tecnicamente, sílabas separam-se mais, a vogal dura mais tempo do que em Lisboa ?

AB : Oh, aqui é um horror, eu não entendo as pessoas aqui às vezes.

E : Por exemplo, na melodia da frase, há constantes meramente angolanas ?

AB : Acho que a toada africana continua no português de Angola, não só do kimbundu.

E : Há diferenças, Óscar Ribas diz que o kimbundu...

AB : Ele fala muito bem kimbundu.

E : Ele disse-me que o kimbundu para ele é uma língua pausada, ritmada, até pomposa, quando o umbundu é musical. Então isso não ia dar o mesmo português de Angola

AB : Bem, está muito bem visto, de facto o umbundu é uma língua muito musical e muito nasalada. Ainda ontem estava a falar com grande amigo meu que é médico, é umbundu, ele é do Bié, e ele me disse que com efeito que as pessoas da família dele não falam como os parentes de Benguela ou de Luanda, quando falam português, o português deles é muito mais nasalado. Agora, como, através da rádio, e o angolano escuta muito rádio, não tanto a imprensa, também da televisão é o português de Luanda que vai aparecendo como o português padrão, embora, e isto às vezes é ridículo, os locutores na rádio, na televisão queiram falar à portuguesa, mas desconseguem, só conseguem por vezes, e de repente lá caem numa maneira angolana e às vezes é mesmo ridículo. Pois, na rádio já é menos, na televisão é que é mais pronunciado, e na medida em que

através da rádio e televisão, através desses meios de difusão maciça, se vai impondo uma forma que é de Luanda, a tendência é para o pessoal aprender as formas de Luanda. Contudo, há resistências mas são mais inconscientes, e o facto de haver ainda muita mobilidade, o facto de nós não sabermos como a situação vai ficar definitivamente, é difícil dizer com muita precisão para além disto que já lhe disse que o português se impõe como a língua principal de Angola. Eu acredito mesmo. Não há dados estatísticos. E o que há é muito mau. Eu tenho um trabalho duns linguístas alemães de RDA, da ex-RDA, que eu conheci e que não fizeram pesquisas nenhuma no interior e que estavam condicionados por motivos ideológicos.

E : De Leipzig?

AB : É. Em termos de análise fonética, talvez sejam correctos os trabalhos deles. Mas em termos daquilo que é a difusão do português em Angola, está em muito errado. O português em Angola está incomparavelmente mais difundido e tem raízes muito mais profundas do que em Moçambique e eles disseram que a situação era comparável. Não é comparável. Em nada. Porque, repito, pelo menos metade dos angolanos falam português, o que é um caso único em África, não há nenhum país africano onde uma língua europeia esteja tão difundida, e quando lhe digo pelos menos é que eu acredito que são muito mais, pois há ainda outra coisa, há aqueles que falam predominantemente o português mas conhecem e falam uma língua africana, mas há também aqueles e são muito numerosos que falam praticamente só a língua portuguesa e não é só em Luanda. São cidades. É o caso de Benguela, que é uma cidade de língua portuguesa, é o caso do Lubango, que é quase só uma cidade de língua portuguesa, e mesmo Namibe, Moçâmedes. Eu estive em Moçâmedes e as pessoas falavam português na rua, pessoas que noutra país não falariam a língua portuguesa. Eu acredito mesmo que neste momento 70% dos Angolanos, ou mais de 70% dos angolanos, estejam em condições de falar português e bastante bem.

E : Falava com Inocência Mata, ela recusa-se a pronunciar qualquer percentagem.

AB : E tem razão. Repare, isso falei isso assim. Disse neste momento mais da metade de população angolana está nas cidades. E Luanda é de língua portuguesa. Eu vi crianças do interior, crianças da minha terra, crianças de Malanje, crianças do Norte, crianças do Moxico, falando entre elas português há um ano e meio em Luanda, entre elas.

E : Outro pormenor técnico é o realização do r. Notei que as pessoas não faziam a distinção, algumas, entre o “r” inicial e o “r” brando. Isso também notou. A *guerra* torna-se a *guera*.

AB : Sim, isto em pessoas que têm ainda uma língua africana subjacente, ainda porque as relações entre o “r” e o “l” são muito difíceis. Dou-lhe um exemplo : homem em kimbundu é *diala*, é um “d” muito particular, pode ser *riala*, e isto acontece em muitos casos. A palavra *arimo*, campo, lavra, noutros lugares é *alimo*. Enxada, *rikenu*, na minha terra, é um “r” muito leve, muito brando.

E : Não existe o “r” forte.

AB : Por isso uma pessoa que tem o kimbundu como língua principal tem tendência a usar “r” brando até por vezes a confundi-lo com “l”. Em kimbundu fósforo é *fosfolo*, garfo, *jingalfo*, na minha terra se diz *jingalfo*. Por conseguinte é muito provável que o “r” forte desapareça entre pessoas que têm o kimbundu, o umbundu, ou o cokwe mesmo, kikongo também, que têm uma língua africana como base, como língua principal. Agora tem muita gente em Angola e eu acredito que são mais de 30%, bastante mais, que têm já o português como língua de base.

Interview d'Arnaldo Santos

E : Fiz a pergunta a vários angolanos. Todos disseram « eu sou capaz de reconhecer um angolano pelo sotaque », embora haja angolanos do Sul, do Norte, etc., mas há qualquer coisa de angolano na maneira de falar que persiste.

AS⁵ : Eu tenho também essa impressão. Os angolanos, nós próprios em Angola, quando há bocado me falou que estava interessado em saber como fala o Angolano, eu interiormente pensei que relativamente, saber como fala o angolano para si terá alguma dificuldade, porque há várias formas de falar o português em Angola. Nós próprios em Angola facilmente, e você deve se lembrar do tempo que lá estive, nós próprios em Angola verificamos quem é duma zona umbundu, quem é duma zona kikongo, quem é que vive numa zona urbana tipo Lubango, Luanda, ou Benguela, porque através da forma das pessoas falarem nós verificamos uma noção de que a origem dessas pessoas em Angola, isto é, falando todos portuguêses que normalmente às vezes portuguêses duma maneira razoavelmente correta, nos sabemos que, pela forma como se pronunciam as palavras, sabemos a origem das pessoas, conseqüentemente no sotaque do portuguêses em Angola pelo menos pode facilmente distinguir três ou quatro tipos de sotaques diferentes consoante as pessoas falam ou não falam uma língua nacional e se falam uma língua nacional, e falando uma língua nacional se falam uma língua kimbundu, uma língua umbundu, uma língua kikongo por exemplo, são as três línguas com sotaque.

E : E há outra divisão que é o nível social e outra que é a idade. Pude notar que uma pessoa do governo, um intelectual, tem tendência a falar duma maneira mais portuguesa de Portugal e os jovens pelo contrário, os mais jovens num ambiente menos oficial vão falar assim duma maneira mais distanciada. Quer dizer, a idade e a condição social parecem também além da situação geográfica, factores marcantes.

AS : Pode acrescentar esses factores que chamam atenção. Um outro que se relaciona àqueles que surgiram depois da independência. Se antes por exemplo,

⁵ Arnaldo Santos

de acordo com a origem social, nós falaríamos melhor ou pior o português, porque de facto a própria escola constrangia-nos a falar português da melhor maneira, uma vez que as pessoas duma classe social determinada iam sempre para escola, conseqüentemente aqueles desvios de dicção eram mais facilmente corrigidos na escola e a escola seria um grande primeiro constrangimento, que evitava que nós falássemos pior em termos de dicção o português do que os próprios portugueses, não é? Ora conseqüentemente, o facto de existir um regime português em Angola, obrigava que todo o Angolano, pela necessidade de identificação ao poder, tentasse aproximar o seus sotaques do sotaque do português, originário na altura de Portugal. Isso é óbvio que em Portugal nem todos sotaques são iguais e isso também permitiu uma certa liberdade, mas conseqüentemente também é verdade que a escola não atingia grandes camadas da população. Chegava apenas digamos a uma pequena elite, poderíamos chamar assim, que ficaria a ter um domínio razoável do português. A medida que foram chegando a escolas grandes camadas de povo obviamente que já elas vinham com uma forte influência de língua, das línguas nacionais ou pelo menos uma forte influência da forma como falavam o português no lugar onde viviam. Mas mesmo assim a própria sociedade portuguesa no seu todo conhecia uma forte influência educadora, entre aspas, sobre a forma de pronunciar as palavras de português. Nós pronunciamos, como sabe, português duma maneira muito bem silabada, acho que qualquer estrangeiro percebe perfeitamente.

E : Parece ser a maior diferença.

AS : O que não tem a ver com os crioulos. Os crioulos têm a tendência de empobrecer, de roubar o som e de roubar sílabas. Mas depois da independência deixando de haver o constrangimento que existia pelo facto de existir uma potência dominadora, nós podemos passar a usar o português duma maneira mais livre. Então, é interessante verificar que se hoje fala-se o português em Angola de uma maneira em que não há grande autovigilância sobre a maneira como se pronunciam as palavras, como se constroem as frases, e isso provavelmente agora estejam a cristalizar, a consolidar uma forma muito concreta de falar o português em Angola, mas ainda referindo a uma experiência

que eu tive por volta de 1959, quando estive em Portugal pela primeira vez, e nos anos sessenta, em que eu me relacionei com os outros estudantes na Casa dos Estudantes do Império, como sabia que era a casa que recebia estudantes todos os países da África, das colónias portuguesas, e então a falar com um amigo meu que é, foi o primeiro ministro de Moçambique, Machungo com quem na altura falava muitas vezes, eu dizia para ele que facilmente os distinguia porque terão uma pronúncia que eu identificava como uma pronúncia de indivíduo de Moçambique. E que eu achava, eu próprio achava, que eu não sentia que tinha uma pronúncia angolana capaz de ser distinguida do português. Ele fartou-se de rir porque achou uma grande piada pensando inclusivamente que eu estivesse a brincar, quando estava a falar a sério. Eu não me entendia com uma pronúncia muito diferente dos portugueses. Quando ele disse que era precisamente o contrário, que distinguia perfeitamente a forma como eu falava português, isto é, o nosso sotaque, o sotaque de facto angolano tornou-se para nós uma forma tão interiorizada que acabamos por não perceber às vezes os desvios que temos dos portugueses que viviam em Angola, note-se, mas facilmente depois nós percebemos que havia desvios na forma de falar, no sotaque quando chegámos a Portugal e então isso em contactos com pessoas que falavam de uma maneira diferente. Isso é uma experiência pessoal interessante porque depois nós também ao longo do tempo começámos a perceber que se era possível verificar que havia em Angola muitos sotaques diferentes, também facilmente por exemplo distinguíamos por exemplo um caboverdiano, que havia uma comunidade caboverdiana em Angola, e sabíamos que distinguíamos um caboverdiano dum angolano pela forma como falava. É certo que eles tinham uma forte influência do crioulo e isso é muito fácil notar a forma como o caboverdiano fala mas por exemplo distinguíamos com facilidade a forma dum homem de São Tomé falar. As pessoas de São Tomé têm um sotaque muito mais próximo do sotaque do português, do português de Lisboa por exemplo. E nós notávamos, nós chamávamos espécie de afinação que nós chamamos uma maneira digamos um pouco enfática de pronunciar que identificávamos a forma de falar do elemento de São Tomé, do natural de São Tomé em relação ao fulano

de Luanda por exemplo ou doutra parte de Angola e precisamente por ser uma dicção provavelmente mais próxima da dicção do europeu.

E : Falando em desvios, o povo brasileiro quando fala o seu português, não vai empregar a palavra desvio, é um português genuíno. Já têm toda a razão de falar assim em completa legalidade. Mas um Angolano pode considerar, como Óscar Ribas, que tudo o que não é próximo do português é português mal falado. Há uma culpa de não falar português ou então uma vontade de destabilizar. Existem as duas tendências, às vezes convivem na mesma pessoa.

AS : Quando se referiu a experiência brasileira e sob a forma de falar dos brasileiros, eu até estou a ler um estudo que uma professora brasileira fez um trabalho sobre Luandino Vieira, verifiquei que ela referia nos crioulos desvios de som, isto é, diferenças de som, da maneira de formação, da forma, do som, de falar. E é interessante eu, quando eu li aquilo, ter pensado que, eles nunca propuseram em si mesmos a classificação dos crioulos pelo facto de eles próprios, relativamente à forma de falar o português, falarem de uma maneira muito especial. Eles próprios iniciariam a forma de falar o português de uma maneira muito especial sem que no entanto deixassem de assumir o facto de estarem a falar português. Ao longo do tempo começou-se a falar de português do Brasil mas não deixa de ser português. Consequentemente é a língua portuguesa. Digamos enfim, a forma de falar o português no Brasil. Não deixa de ser a língua portuguesa independentemente da forma como eles, o sotaque, a forma como pronunciam. Ah, nós, em Angola não tem, e nós próprios angolanos, como disse, interiorizamos a nossa forma de falar. Consideramo-la tão próxima do português que não tenho sobre isso nenhum preconceito que me faça sentir inferior pelo facto de saber estar a falar o português duma maneira diferente dum português. Em nenhuma circunstância hoje, nem mesmo na época colonial em que isso seria mais possível, em nenhuma circunstância eu tenho essa percepção de que o facto de estar a falar português duma maneira ou com um sotaque diferente, que isso seja um motivo de inferioridade ou de me sentir culpado ou de me sentir..., isso está posto de parte, e nem creio que nenhum angolano pelo contrário, hoje é uma forma que nós consideramos uma forma de

indentificação, que aceitamos com toda a naturalidade e que não é sequer razão para o modificarmos, até porque pensamos que falamos o português duma maneira muito mais compreensível. Agora relativamente à maneira como eventualmente poderemos usar o português e isso tem que ver eventualmente com desvios de ordem sintáctica... Podem ser de facto analisados por outros linguistas como desvios da língua padrão. Tudo isso está, de certo modo, por discutir. É um assunto em relação ao qual eu não me meto porque é uma área muito específica dos linguistas, o que são por exemplo os eventuais desvios morfológicos ou sintácticos que ocorrem na nossa própria escrita. Não digo tanto na maneira de falar, mas na escrita em que muitas vezes nós identificamos uma forma que está ligada a própria sensibilidade do angolano, da maneira como o angolano aprecia ou trata a língua. Esse tratamento da língua tem que ver com o próprio ritmo com que a sensibilidade do angolano se traduz, pá, com a maneira como o português é utilizado para descrever ou interpretar as emoções e os sentimentos das pessoas, bom, isto faz, tem muito a ver com a nossa própria cultura.

E : Apesar disso, acho que cai mal por exemplo num discurso oficial uma pessoa trocar os pronomes, empregar por exemplo um pronome indirecto em vez do pronome directo. Pode conotar, embora se dissesse em casa ou na rua, e justamente porque parece inconsciente e é ridículo, não é? Mas paralelamente um escritor, voluntariamente, vai fazer isto. Frequentemente, só vou citar Luandino Vieira, Boaventura Cardoso. Eles são capazes de não o fazer mas desnecessariamente para o sentido, vão utilizar formas desviantes.

AS : No discurso oficial, e porque obviamente nesses discursos pretende falar aquilo que se entende com a língua padrão, português correcto de acordo com a gramática, fica mal, penso que pode isso identificar como uma falta de conhecimento da língua, pode isto ser motivo duma apreciação desfavorável, uma vez que a falta de domínio duma língua, penso que num discurso, perante a sua natureza, não é um discurso criativo, pode indiciar ou dar indício de que de facto não se tem o domínio correcto da língua, o português passa a ser uma língua com suas regras e relativamente a isso, todos estamos de acordo que tem

que haver uma defesa do português porque é a língua, o instrumento que nós utilizamos e penso que é útil e indispensável existir um consenso sobre ortografia e outros consensos que podem existir, mas creio que ainda está por discutir com certeza será um assunto que será discutido não só agora mas provavelmente ao longo do tempo, a maneira como o próprio português que continua a ser entendido por todas as pessoas que falam português, note, independentemente dos desvios e existência da maneira às vezes de escrever e de falar, as pessoas entendem-se, e enquanto isso acontecer, independentemente daquilo que se entende por desvios, ou pelo menos neste momento se considera desvios, a verdade é que as pessoas vão se entendendo de tal maneira, e é possível perceber perfeitamente o pensamento do outro. Enquanto isso estiver salvaguardado (a capacidade de nós nos entendermos todos em português), o português mantém-se ainda como um instrumento adequado, efectivo e operacional que é indispensável que seja mantido, que seja defendido como tal. Agora há questões que os linguistas sobretudo os mais capazes, os mais profundos, os mais conhecedores, muitas vezes são altamente compreensíveis relativamente à maneira como as línguas, a flexibilidade que existe na maneira de se utilizar a língua. É o caso por exemplo dum questionário de Michel Laban, ele referia-se aos meus desvios morfológicos e sintácticos, e punha uma série de perguntas a que obviamente não respondi, porque como disse é uma área, um domínio que eu conheço mal, mas esses desvios que aparecem muitas vezes que é o caso por exemplo do verbo de movimento por exemplo ir em ou ir para, ou ir a, etc. Provavelmente por influência das línguas nacionais bantu, os verbos em movimento, normalmente nós, é normal dizer ir « no », quer dizer as preposições utilizadas são diferentes das que são utilizadas em Portugal, dando a ideia de que se vai numa determinada direcção e que em Portugal provavelmente se utilize uma preposição diferente, mas a nossa maneira parece-nos até mais adequada para a nossa sensibilidade obviamente mas não é mais clássica, mas qualquer linguista compreende e aceita isto. No entanto, não é obviamente e aparentemente a maneira mais correcta de se utilizar. Eu creio que a língua tem potencialidades, a língua portuguesa como qualquer outra língua tem imensas

potencialidades que continuam a ser neste momento redescobertas e há escritores que normalmente fazem muito para isso.

E : Quanto a vontade dos escritores, pode parecer demais porque cria um problema de legibilidade quer dizer às vezes o texto torna-se difícil de compreender porque há densidade de angolanidades que às vezes parecem dificultar. Vou dar o exemplo do Jorge Macedo, mas podia-se dizer o mesmo de certos parágrafos do Luandino Vieira, que realmente custa compreender para um lusófono normal, não acha ?

AS : Isso será ou não será. Não sei bem. E sabe porquê ? Conhece a experiência que o Michel Laban fez há pouco tempo numa série de contos que publicou a pedido da Editora que publica “Le Serpent à Plumes” ? Eu por acaso, trouxe isto para ver, porque podia ser interessante para si conhecer. Le serpent à Plumes já vai no vigésimo ou trigésimo número e então este número é dedicado, ele faz a tradução dos escritores de Portugal, de Cabo Verde, de Angola, de Moçambique, e verifiquei na maneira como ele traduziu o meu texto, há algumas coisas interessantes relacionadas como o próprio estilo porque de facto fica-se com uma noção mais exacta da maneira como se escreve quando se vê o nosso próprio estilo traduzido noutra língua. É por isso que é uma experiência sempre muito interessante da parte de pessoas como vocês que se interessam por línguas, pelas outras literaturas, o conhecimento portanto, a experiência traduzida e a tal legibilidade de que fala. E essa experiência é sobretudo ótima porque de facto obriga a esse esforço de compreensão. É evidente que dizia eu então a propósito desta experiência de Michel Laban, que ele por exemplo... há coisas que cheguei à conclusão, são óbvias, não é, mas para mim não eram, quer dizer o facto de um conto ser mais facilmente compreendido em Angola e num contexto histórico concreto do que fora de Angola quando não se conhece muito bem o contexto histórico em que ele foi... Lapalisse não diria outra coisa mais clara.

E : Para toda a literatura angolana, é verdade que é preciso ter as referências. São realmente imprescindíveis.

AS : E então por exemplo ele às vezes, embora conhecendo como conhece o Michel Laban, um homem com um conhecimento profundo que tem, até da literatura angolana, com o conhecimento das pessoas porque ele também como sabe publicou umas longas entrevistas⁶ que nos fez, conhece as pessoas, mesmo assim ele teve, tinha alguma dificuldade de compreender, digamos algumas experiências tipicamente angolanas. Bom, há um lugar comum, que é aceite por todos, que as literaturas universais partem duma base nacional e é quando ela é muito evidente, obviamente pode ser transformada em literatura universal, mas a base nacional imprime uma forte personalidade a esse tipo de literaturas. Nalguns casos, nós não temos sempre uma consciência muito exacta da ininteligibilidade do texto. Para nós é fácil perceber. Para uma pessoa que nos ler fora, sobretudo um estrangeiro, então provavelmente, não será, estará longe de ser. Um estrangeiro vê um determinado texto, põe problemas que são evidentes e que para nós nem nos passaria pela cabeça. É por isso que ser ou não ser inteligível para um português inclusive, para uma pessoa que fala português é discutível porque se vocês forem a um dicionário etimológico do português, há-de verificar que uma grande parte dos étimos portugueses, muitos deles são de origem kimbundu, e são palavras que os portugueses empregam hoje sem ter uma noção mínima do que isso aconteceu.

E : Carimbo por exemplo.

AS : Carimbo, enfim há tantas palavras de facto de origem kimbundu que os portugueses, e de origem mesmo ameríndia, e eu acho engraçado, é que os portugueses vão dizer : aparece no dicionário um termo, uma palavra portuguesa, em que eles dizem que a origem é brasileira quando os brasileiros por sua vez a receberam por via do kimbundu. A viagem foi de Angola para o Brasil, o Brasil aportuguezou, e depois chegou a Portugal por essa via, um triângulo que era um triângulo normal, que historicamente se conhecia, Angola-Brasil-Portugal, porque até 1822, até à independência do Brasil, praticamente o triângulo era esse : Angola-Brasil-Portugal e não Portugal-Angola-Brasil. E então muitas vezes aparecem em alguns dicionários, que comprei aqui nesta

⁶ Michel Laban, *Angola : Encontro com escritores*, 2 volumes, Fundação Eng. António José de Almeida, Porto, 1991.

livraria um dicionário etimológico em que aparece a origem do Brasil quando é preciso ir mais atrás, quer dizer que os brasileiros receberam do kimbundu.

E : Prova de que é preciso aprofundar neste campo de pesquisa.

AS : Há muita coisa e então é por essa razão, nunca chegaremos a saber como se é ou não inteligível um texto para nós. E será ou não será intelegível por um português. Mas repare bem aqui em Portugal você pode ter dois ou três tipos de leitores : o que nasceu em Angola e que vive aqui, o que viveu praticamente toda a vida e que regressou para aqui, e aquele que nunca saiu daqui que não tem uma vaga ideia, mas que conhece mal as colónias e a vida das colónias. Este provavelmente mais virado para Europa e muito pouco relacionado com os bantus, e as Áfricas, etc. Mas a grande sensibilidade de facto é aqueles que estão ligados, ou directa ou indirectamente, às Áfricas, às colónias. Provavelmente para esses algumas coisas são menos, mais intelegíveis que outras. O uso que por vezes se faz, em Angola, parece neologismos, pá. Os que Mia Couto faz pela via da literatura, alguns são bastante felizes e que são correctíssimos e em termos gramaticais, linguísticos, eu não vejo que possa encontrar muitas, sei lá... uns pecados, o termo não será esse mas muitas faltas, ou... e, mas há outros que o povo utiliza no dia a dia, por exemplo, que aparecem, o mais nos textos de Pepetela por exemplo é o termo desconseguir e outros assim, quer dizer, que em português... O professor Lidley Cintra que antes de morrer, nos anos antes, visitou Angola, é interessante que ele foi à União dos Escritores e esteve a conversar connosco e achava interessante esta dinâmica da língua em Angola em que aparece de facto em termos... e depois o desconseguir em Angola passa a ter digamos uma forma, um significado que não é bem o facto de não conseguir, é querer fazer alguma coisa e embora se tivesse esforçado, não conseguiu. Começa o facto da dinâmica da língua permitir que ela passe a ter conforme as nossas experiências outro significado. Por essa razão é que se coloca a questão de se é ou não é mais ou menos intelegível.

E : Desconseguir é inteligível.

AS : Então no próprio texto em que eventualmente aparecem palavras desta natureza, em que o escritor angolano transmite uma maneira de utilizar a língua,

os sentimentos, na forma de descrever a realidade angolana, e inclusivamente as próprias experiências culturais que o português não tem. E que nos descrevemos com a língua que é comum que é o português.

E : De maneira nenhuma a preocupação do escritor pode ser a legibilidade, senão estragava a obra toda.

AS : Pois. Repare bem porque aqui em Portugal não comem funge, pá. Não comem kalulu, não comem muamba. Há comidas regionais que quando são descritas se eventualmente forem descritas em português obviamente, usando inclusivamente uma forma de tratar o português para transmitir um gosto, a sensibilidade de que se tem relativamente ao gosto, a outros sentimentos de qualquer natureza, sensações de qualquer natureza, parece-me que acaba por aparecer pouco intelegível para o português ou para aquele que não tenha o mesmo tipo de experiência, não sei se estou a ser muito claro, mas transmitir experiências culturais diferentes, através duma língua comum, muitas vezes ela tem que... e o português é suficiente rico para ser utilizado duma maneira que se retire dele toda a sua flexibilidade, toda a sua potencialidade, o que muitas vezes o escritor africano faz.

E : Relativamente a esta dinâmica, já a verifiquei entrevistando angolanos, mas angolanos de Lisboa que se encontram na estação do Rossio. Lá no fundo há um bar onde eles vão beber copos e lá gostam de falar à angolana. Há entre eles um culto do calão, até escreveram na parede « Aqui há calões ».

AS : Alguns dos quais já fazem parte da rotina portuguesa.

E : A palavra bué, e há outros assim : bazar.

AS : Bazar, o desbundar e outras coisas relacionadas com divertimento, quer dizer que se apanha normalmente em lugares de diversão, porque de facto essas palavras acabam por ser transmitidas em zonas em que elas entram.

E : É um bocado original essa dinâmica dos calões das palavras que talvez vão morrer e ser substituídas por outras, há uma vontade de criar palavras. Há uma acção no léxico de Portugal. Não sei se foram todos criados em Luanda esses calões, aqui parecem ter uma vida própria.

AS : Não estou muito ligado às comunidades angolanas aqui. Obviamente eu pois estou sempre aqui de passagem. Só o ano passado e este ano que eu tenho uma permanência mais longa, no ano passado para fazer pesquisa e este ano precisamente para ver se consigo avançar com o meu livro e não tenho por essa razão possibilidade de estar com essa comunidade angolana onde de facto se cultiva, mas eu não conheço se há inovações criadas cá, mas todas essas palavras que eu sei que normalmente são empregues aqui e acolá pela juventude, conheço-as lá tanto mais que o meu filho, embora esteja estudante na Inglaterra, é uma pessoa que tem 27 anos e ainda está fortemente preso a esta maneira de falar com os outros, e quando estou com ele, e este ano eu verifiquei que mantém como os outros o mesmo tipo de linguagem, note-se que ele está a estudar cursos superiores na Inglaterra, no entanto que os outros que estão aqui utilizam muito esse tipo de linguagem. É um tipo de linguagem perfeitamente característica de meios digamos pouco marginais de Luanda, mas que começa a ter uma grande veiculação sob a forma de discurso a níveis de camadas mais ligadas ao poder da nacionalidade, económica ou social.

E : E geralmente é acompanhado do sotaque.

AS : Obviamente.

AS : Eu tenho um sobrinho que tem a aparência toda, quer dizer branco, você olha para ele e não distingue nele traços de origem negra, uma vez que é filho da minha irmã e de português branco, de maneira que ele tem toda a fâcies dum indivíduo europeu. No entanto se estiver a falar por detrás deste muro, você pensa que é um indivíduo marginal do musseque. Não é só a forma como pronuncia, a forma como afecta as cordas vocais, um tom que eu não consigo, uma música, é um tom que eu não consigo reproduzir muito bem.

E : Mas existe. Há uma diferença no ritmo, talvez no timbre, na música da frase. Talvez seja assim certa música, e não certos pormenores como a pronúncia do « r » ou a abertura das vogais.

AS : Talvez isso, e de facto até é um estudo muito interessante. E esta conversa permite ter uma consciência maior dele, uma vez que nunca o fiz de maneira

tão... a não ser um pouco superficial, como nós constatamos isso, nunca me forcei de forma tão profunda, e neste momento está longe ainda de ser muito...

E : Uma última coisa de que queria falar é da vida do kimbundu em Luanda. Então já sabia que tinha tendência a desaparecer. Mas nas mais de vinte pessoas com que falei, ninguém confessou falar kimbundu, ninguém disse eu falo kimbundu, todos disseram ou falo algumas palavras, algumas expressões ou não falo nada e pude verificar até que não sabiam cumprimentar em kimbundu nem agradecer, essas coisas essenciais, mínimas. Sabiam algumas palavras mas não falavam. Dá para pensar também isto.

AS : O que dá para pensar. Não sei se o Chavagne tem conhecimento das últimas estatísticas que fizeram a partir do recenseamento eleitoral. A partir disso o Pepetela que é sociólogo como sabe, faz referência ao facto de uma grande parte da população angolana tem como língua maternal o português e aqueles que só falam português, não falam nenhuma língua nacional, começa a ser de forma muito significativa, como também aqueles que, embora reconheçam a língua nacional, porque a mãe fala para eles em língua nacional e entendem, normalmente respondem em português. Nunca respondem em kimbundu.

E : Nenhum dos que encontrei mas não duvido que haja. Deve haver.

AS : Agora, esta experiência é mais comum em relação às pessoas com quem eu me relaciono, e mesmo verifico uma experiência mais interessante ainda, que se dá com frequência e que eu constatei ainda no ano passado e este ano. Em minha casa neste momento estão duas jovens do Sul, numa zona umbundu, de qual a minha mulher é natural, de Benguela, e essas moças estão neste momento vivendo lá em casa. Ajudam em casa, estudam, etc. São jovens de origem rural e que agora estão em Luanda. Quando, como eu tenho neto, dois netos pequenos, eu aproveitei, ou aproveitava para sugerir, mas uma vez que uma delas trata, é uma espécie de ama seca do miúdo, e com quem se relaciona muito bem é quase a segunda mãe, em alguns casos, quase a primeira, porque o miúdo quase lhe dá a preferência a ela do que à mãe, lhe pedi que ensinasse o miúdo a falar umbundu, o que é uma maneira dele... pois ela disse que já não sabe, quando ela

de certeza uma vez que tem desasseis, desassete anos, sempre falou umbundu, porque é duma zona rural onde é uma língua materna, não falou outra e conhece o português mal, está agora a falar português, mas recusa-se determinantemente a falar umbundu. E em alguns casos mesmo, uma vez que escrevo, muitas vezes tenho necessidade de saber a origem de certas coisas, não só de kimbundu como de umbundu, e recusam-se a dar-me explicações. Quer dizer até há um preconceito que eu admitia que existisse na época colonial, mas que depois de independência obviamente não havia razão de ser, mas agora mantém-se o preconceito. O preconceito de, a partir duma altura, estando num meio onde que a língua dominante, oficial, é o português, a partir duma altura elas querem esquecer que falam umbundu. Mesmo entre elas numa primeira fase falavam entre si umbundu e depois começam a falar em português. E essa experiência, eu achei, eu combato esse tipo de preconceito. Faço o possível por combater não só nas situações que tenho de defrontar, neste caso. Como provavelmente combaterei sempre de todas as maneiras porque os povos empobrecem quando perdem as línguas. Umas não são melhores que outras. São línguas diferentes, pá. E quanto mais línguas conhecemos, melhor, não é? E porque há experiências que quanto a mim só penso que elas só podem ser traduzidas, algumas, numa maneira especial e que nós duma maneira difícil tentamos muitas vezes plasmá-las ao português. São na língua original, são ditas duma determinada maneira e que nós defeituosamente tentamos transferir por português utilizando um novo instrumento para dar a maneira como algum pensamento é criado como é sabido na língua original, na língua nacional, na língua materna. Ora, isso faz pensar de facto que o que seria ou que será provavelmente o futuro das línguas nacionais. É óbvio que o estado, o governo, as políticas culturais que foram introduzidas em Angola vão permitir que se salvem as línguas nacionais, porque, como disse é uma forma de empobrecer as populações retirando-lhe o... tornando-se pouco usual a forma de utilizar um instrumento com qual têm grandes afinidades e que em muitos casos reflete uma realidade melhor que a língua portuguesa. Não sei se saberá que por exemplo a forma de reconhecer a realidade natural, as plantas, e as formas como crescem,

até uma determinada idade uma planta tem um nome, depois muda de nome, e sucessivamente, até que se torne uma planta adulta, e num português haverá só um nome para essa planta, e através da forma como se modifica, o kimbundu pode ter várias maneiras de transmitir, logo uma língua tem, apetrechou-se, então criou um instrumento muito mais sofisticado para falar daquela planta. Isto não se deve perder. Tudo isto e esse tipo de contribuições e cada língua pode dar a outra, é fundamental.

E : Há muito que fazer no que diz respeito às línguas em Angola e no que diz respeito a uma política das línguas.

AS : Neste momento é indispensável.

E : Nenhum angolano é indiferente ao assunto das línguas de Angola, todos têm coisas a dizer, nem só os escritores desculpe. Mas as pessoas mais humildes têm ideias sobre a língua, têm às vezes preconceitos, às vezes posição, mas têm coisas a dizer e às vezes com muita paixão. As pessoas nunca dizem « não me interessa ».

AS : Aliás compreende-se. As pessoas usam a língua para transmitir e para se impor na sociedade. Na época colonial, falar bem português era um cartão de apresentação ainda hoje provavelmente, como na França obviamente, ou na Alemanha, falar bem, a pessoa distingue logo se a pessoa é da classe alta ou da classe baixa e assim logo a partir daí dá mais ou menos mais consideração. Faz parte necessariamente da forma como se introduz na sociedade. E a nossa sociedade em que há necessidade de ter acesso aos meios, e aos lugares, e acesso aos bens materiais faz com que se vá usar mais facilmente os meios de mais fácil introdução nos lugares onde são mais eficazes, não é? Por exemplo há um reconhecimento de que a pessoa que utiliza melhor o português é preferível do que aquela que não sabe, essas pessoas vão priorizar perfeitamente o português em relação ao estudo aprofundado duma língua nacional, ou coisas do género. Isso tudo é um ciclo vicioso, não é? Quando, se fosse uma sociedade em que houvesse uma maior intervenção de estado, em que as pessoas pudessem não estar tão assoberbadas pela necessidade urgente de terem que viver...